

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

JESSYCA DANNY CAIRES MENDES

A BIBLIOTECA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA: um estudo
sobre a Biblioteca Maria Firmina dos Reis do Centro de Cultura Negra do Maranhão

São Luís

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

JESSYCA DANNY CAIRES MENDES

A BIBLIOTECA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA: um estudo sobre a Biblioteca Maria Firmina dos Reis do Centro de Cultura Negra do Maranhão

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, para obtenção do grau de Bacharelado em Biblioteconomia.

Orientador: Prof.º Dr.º Marcio Ferreira da Silva

São Luís

2023

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Mendes, Jessyca Danny Caires.

A biblioteca na construção da identidade negra : um estudo sobre a Biblioteca Maria Firmina dos Reis do Centro de Cultura Negra / Jessyca Danny Caires Mendes. - 2023.
60 p.

Orientador(a): Marcio Ferreira da Silva.

Monografia (Graduação) - Curso de Biblioteconomia,
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2023.

1. Acervo antirracista. 2. Centro de Cultura Negra.
3. Literatura negra. 4. Movimento negro. I. Silva,
Marcio Ferreira da. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me permitiu o dom da vida e a chegar até aqui.

Agradeço aos meus pais, Dinaete Caires e José Augusto, que sempre me apoiaram nessa caminhada da vida acadêmica desde o começo.

Agradeço em especial ao meu namorado, Thiago Brito, por me apoiar nas noites de estudos em todos esses anos da vida acadêmica, principalmente para a apresentação deste trabalho.

Agradeço a minha avó Joana Caires, sempre soube me dar um abraço nos melhores momentos.

Agradeço a minha tia, Dayziene Caires, por ser inspiração pessoal e profissional na minha vida, em especial a sua filha Melinda.

Agradeço aos meus amigos, que entenderam a minha ausência quando necessário, em especial Jeane Kelly e Jeanderson Hyago.

Agradeço ao meu orientador, Marcio Ferreira, que me coordenou na pesquisa e auxiliou em todo o processo.

Agradeço ao PET Biblioteconomia, que iniciou junto a caminhada acadêmica na universidade, onde aprendi valores e conhecimento que nunca esquecerei.

Agradeço a todo o departamento do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão, e em especial as professoras Maria da Glória e Isabel Cristina.

“Numa sociedade racista, não basta não ser racista. É necessário ser antirracista”

(Angela Davis)

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso, propõe uma análise ao acervo da Biblioteca Maria Firmina dos Reis do Centro de Cultura Negra do Maranhão quanto a sua luta antirracista. No âmbito de uma pesquisa descritiva, foi realizado um levantamento do acervo, quantitativamente e em virtude da relevância do conteúdo e autoria, como também visitas técnicas realizadas na instituição. Para contextualizar o movimento negro, a pesquisa traz um breve histórico sobre a escravidão no Brasil e no Maranhão e o seu impacto na atualidade, além disso, a relevância dessa literatura ser disseminada colocando o negro como protagonista de sua própria história. A pesquisa tem por finalidade refletir questionamentos sobre a representação e invisibilidade da temática do negro nos acervos das bibliotecas, a Biblioteca Maria Firmina dos Reis vem repensar a importância de existir essa literatura negra e em como é relevante no Maranhão ter uma instituição especializada no assunto. A análise do acervo identificou a existência de vários documentos com temáticas de literatura negra, história do povo negro e indígena, como também documentos sobre outras temáticas de educação, ciências sociais e políticos, um cenário bastante representativo, a favor da luta antirracista.

Palavras-chave: movimento negro; literatura negra; Centro de Cultura Negra do Maranhão; acervo antirracista.

ABSTRACT

Esta conclusión de curso propone un análisis del acervo de la Biblioteca Maria Firmina dos Reis del Centro de Cultura Negra de Maranhão en términos de su lucha antirracista. Como parte de un estudio descriptivo, se realizó una encuesta cuantitativa de la colección, basada en la relevancia del contenido y la autoría, así como visitas técnicas a la institución. Para contextualizar el movimiento negro, la investigación ofrece una breve historia de la esclavitud en Brasil y Maranhão y su impacto en la actualidad, así como la importancia de que esta literatura se difunda, situando a los negros como protagonistas de su propia historia. La investigación pretende reflejar cuestiones sobre la representación y la invisibilidad de los temas negros en las colecciones de las bibliotecas, y la Biblioteca Maria Firmina dos Reis ha llegado a replantearse la importancia de esta literatura negra y la relevancia que tiene en Maranhão contar con una institución especializada en el tema. El análisis del acervo identificó la existencia de diversos documentos sobre los temas de literatura negra, historia de los negros e indígenas, así como documentos sobre otros temas de educación, ciencias sociales y política, un escenario muy representativo a favor de la lucha antirracista.

Palabras clave: movimiento negro; literatura negra; Centro de Cultura Negra de Maranhão; acervo antirracista.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Revoltas de resistência.....	15
Quadro 2 – História do povo negro e indígena.....	34
Quadro 3 – Religiões.....	37
Quadro 4 – Literatura negra.....	38
Quadro 5 – História e política.....	38
Quadro 6 – Literatura brasileira.....	39
Quadro 7 – Ciências sociais.....	44

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Placa da BMFR.....	33
Figura 2 – Espaço físico da BMFR.....	34

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 MOVIMENTO NEGRO NO MARANHÃO: contexto histórico	12
3 A BIBLIOTECA COMO LUGAR DE MEMÓRIA E RESISTÊNCIA.....	25
4 BIBLIOTECA MARIA FIRMINA DOS REIS: uma coleção antirracista?	31
5 CONCLUSÃO.....	52
REFERÊNCIAS	55

1 INTRODUÇÃO

A biblioteca tem por função produzir, organizar e permitir acesso à informação/cultura. Além de, também, se constituir espaços de práticas e formadores de conhecimento, que se somam para a propagação de determinados valores, concepções e representações de uma dada realidade (Cardoso, 2015, p. 65). Ou seja, são espaços onde aprende-se a conhecer uma determinada visão de mundo, e se expande esse conhecimento a cada ensinamento. Uma biblioteca é uma facilitadora de ideias e conhecimento, espaço de práticas de leituras, agentes de ideologias, pois, quando um novo usuário está descobrindo o universo dos livros, ele aprende sobre tudo que lê servindo de base cognitiva.

As bibliotecas sempre foram espaços de memórias de civilizações, suas culturas e sua política em determinadas épocas, esses locais são e sempre foram tesouros para sabermos o passado, o presente, e possíveis futuros. Sendo lugar de memórias, viemos aqui reafirmar a importância dessa unidade de informação para a construção da memória da sociedade, neste caso, a sociedade negra.

A literatura é significativa para a memória de uma sociedade, e preserva a história. O Brasil sendo um país miscigenado, algumas dessas histórias foram invisibilizadas, como a temática da população negra. Esta autora durante o período da graduação em biblioteconomia se questionou o motivo dos espaços informacionais não divulgarem ou darem mais ênfase a literatura negra, afro brasileira e também documentos de autoria negra. Durante um estudo sobre o levantamento dos temas de monografias em uma das disciplinas do curso, concluindo que poucas abordam temas em torno dessas literaturas, ou ainda com temas antirracistas. No decorrer de sua participação no Centro de Cultura Negra do Maranhão (CCN-MA) conheceu a biblioteca e durante a graduação viu a importância e relevância para estudos na educação antirracista de seus usuários.

Nessa visão, levantou-se então o problema dessa pesquisa, pautado no questionamento principal: A partir do conhecimento da história do Centro de Cultura Negra com suas lutas antirracistas, como é constituído o acervo da Biblioteca Maria Firmina dos Reis?

Essa pesquisa tem por objetivo geral **analisar o acervo da Biblioteca Maria Firmina dos Reis (BMFR) à luta antirracista na instituição**. O Centro de Cultura Negra do Maranhão (CCN), lugar esse cheio de ancestralidade e uma história de superação para população negra do Maranhão.

Para chegar ao nosso objetivo geral, traçamos como objetivos específicos refletir o movimento negro do Maranhão e a contribuição do Centro de Cultura Negra para os estudos dos negros maranhenses; realizar o levantamento do acervo antirracista da biblioteca, de forma a identificarmos a estruturação do acervo à luta antirracista na instituição.

A pesquisa tem por finalidade refletir questionamentos sobre a representação e invisibilidade da temática do negro nos acervos das bibliotecas, a Biblioteca Maria Firmina dos Reis vem repensar a importância de existir essa literatura negra e em como é relevante no Maranhão ter uma instituição especializada no assunto.

Remetendo a dois autores estudiosos da metodologia, temos Minayo (2010, p. 46), que descreve a metodologia mais que uma descrição formal dos métodos e técnicas, indica as conexões que o pesquisador fez do quadro teórico e de seus objetos de estudo. Já Oliveira (2011, p. 7) diz que, a metodologia refere-se ao estudo sistemático, ou seja, determina elementos e métodos lógicos, diferenciando-se do método científico.

Iremos aprofundar nos métodos e instrumentos de pesquisa estudados. Segundo Gil (2002, p. 42), a pesquisa descritiva como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. O presente estudo tem quanto o objetivo a pesquisa descritiva, já que foi realizado um levantamento do acervo, quantitativamente e em virtude da relevância do conteúdo e autoria.

Quanto ao procedimento técnico foi utilizado o método de pesquisa bibliográfica foi utilizado a princípio para melhor entendimento do referencial teórico, e para a realização desse trabalho fez-se um estudo de caso realizado na biblioteca. O estudo de caso, de acordo com Yin (2014, p. 30) pode ser definido como um conjunto de dados, que investiga um fenômeno contemporâneo, por meio da observação em determinado contexto, vem do conhecimento empírico, adquirido no cotidiano, onde fizemos a pesquisa de campo.

Para melhor construção do referencial teórico, a pesquisa iniciou-se com um levantamento bibliográfico referente a temática com os mais diversos autores que trata de suas publicações em periódicos eletrônicos e sites de relevância, sobre o movimento negro no Brasil e no Maranhão.

A princípio utilizamos esse método de pesquisa bibliográfica, onde é desenvolvida com material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos (GIL, 1991, p. 27), a partir de documentos encontrados na instituição. Alguns dos sites e das

bases de dados usadas foram a Brapic, o Portal Géledes, Portais de periódicos de universidades da UFMA, UFRJ, UFMG, Unicamp e USP. Os determinados termos utilizados nas buscas são: movimento negro; movimento negro no maranhão; Maria Firmina dos Reis; Centro de Cultura Negra do Maranhão; movimento negro maranhense; bibliotecas comunitárias; bibliotecas + memória; identidade negra; questão racial. Com o recorte temporal de 1980 até 2023.

A pesquisa de campo, que ocorreu *in loco*, utilizamos as técnicas de coleta da pesquisa qualitativa que visa compreender, com base em dados qualificáveis, a realidade de determinados fenômenos, a partir da percepção dos diversos atores sociais (Yin, 2014, p. 39).

Como campo de pesquisa a Biblioteca Maria Firmina dos Reis, localizada na instituição do Centro de Cultura Negra do Maranhão (CCN-MA), sua mantenedora. Além do levantamento de dados sobre a instituição e sua importância no movimento negro do estado do Maranhão, com projetos dando suporte a residentes quilombolas no interior do estado, para apropriação de terras quilombolas, pesquisas realizadas sobre o racismo sofrido aos negros na capital maranhense, sendo responsáveis também por manifestações antirracistas na cidade. Além de projetos para autoestima do povo negro com o Bloco Akomabu, exaltando a beleza negra. Dado a esses fatos, o Centro de Cultura Negra foi escolhido para a pesquisa por seus anos de história e importância, sendo referência no estado do Maranhão de estudos sobre a população negra.

As técnicas de coleta de dados são um conjunto de regras ou processos utilizados por uma ciência, ou seja, corresponde à parte prática da coleta de dados (Lakatos & Marconi, 2001). Como instrumento de coleta de dados usaremos a observação por meio das visitas técnicas, onde ocorreram conversas com os coordenadores, além de registro dos livros do acervo para fins de análise.

Esta pesquisa está dividida em cinco seções, divididas em: Introdução, Movimento negro no Maranhão: um contexto histórico, onde apresentaremos um breve contexto histórico sobre o processo escravagista no Brasil e no Maranhão, A biblioteca como lugar de memória e resistência, que trata do apagamento do negro em meio a sua própria história, a Biblioteca Maria Firmina dos Reis: um acervo antirracista? analisando o acervo da BMFR, a Conclusão e as Referências bibliográficas.

2 MOVIMENTO NEGRO NO MARANHÃO: contexto histórico

A diáspora se dá a partir de processos migratórios de povos que deixam ou são retirados de seus países de origem para (sobre) viver em outros países, uma interação entre povos de diferentes culturas, costumes, idiomas e referências (Gomes, 2018, p. 19). Descobrir povos em outro continente, essa imigração forçada impactou diretamente nas relações socioculturais entre o Brasil e o continente africano, ocasionando na escravização de povos africanos. Essa interação acarreta relações conflituosas de poder de uma cultura sobre a outra, relação essa conhecida como etnocentrismo.

De acordo com Meneses (2020, p. 3) o “[...] etnocentrismo julga os outros povos e culturas pelos padrões da própria sociedade, que servem para aferir até que ponto são corretos e humanos os costumes alheios [...]”. Sendo disseminada a história de apenas um lado, ou seja, fazendo uma analogia com o processo escravagista no Brasil, vimos que o euro centrismo impôs seus saberes e tradições aos negros e povos indígenas escravizados no país. Foram anos de escravidão e submissão, onde a história do povo negro foi apagada e modificada na literatura pelo povo branco.

O olhar euro centrado retrata as populações de origem africana de forma estereotipada, corresponde a uma expressão que emite a ideia no mundo todo de que a Europa e seus elementos culturais são referências no contexto de composição de toda sociedade moderna. De forma estereotipada, a ideia de que a Europa é o centro da cultura mundial. O euro centrismo,

revela a assimilação de uma construção hierárquica que situa os diversos ‘Eus’ colonizados como subalternos. Para as populações colonizadas, então, não basta apenas proclamar uma igualdade com uma narrativa-mestra que busque um equilíbrio na representação da humanidade todo. Representações negativas sobre grande parte da população interna dos países colonizados predominaram durante mais de um século (Moreno, 2019, p. 140).

Além da retirada forçada dos povos africanos do seu território de origem, adveio a negação da identidade cultural africana e o apagamento das referências africanas, através do poder simbólico exercido pela religião, educação, política e os meios de comunicação, como a proibição dos cultos religiosos de matriz africana, práticas corporais e musicais como a dança e a capoeira, a imposição da língua portuguesa e a supressão das línguas africanas. (Gomes, 2018, p. 20).

Com a conquista do Brasil¹, os colonizadores portugueses e os padres jesuítas adentraram no território brasileiro e catequizaram os povos nativos que encontraram, os povos indígenas. Ensinaram e impuseram suas crenças, e ensinaram sua língua, o português, formas para manter domínio cultural, ideológico, religioso e linguístico.

Com essa pressão cultural, física e psicológica os povos indígenas nunca se submeteram aos colonizadores, desencadeando fugas, além de se revoltarem cada vez mais, fomentando vários conflitos de resistência, como a Chacina do Tibagi, a Confederação dos Cariris, a Confederação dos Tamoios e a Guerra de Cabo Frio, são alguns exemplos (Gomes, 2018, p. 30). Como já mencionado na pesquisa de Gomes (2018, p. 21), com as fugas e revoltas dos nativos, os portugueses encontraram outra maneira de conseguir mão de obra, com as expedições marítimas, os portugueses trouxeram africanos e os escravizaram em outro continente, uma mão de obra barata e vasta.

Esse interesse pela escravidão do negro africano, além do contexto econômico, da mão de obra barata como já citado, era justificado pela relação de poder sobre o outro, sendo critério de moralidade para julgar de acordo com olhar do catolicismo e de uma sociedade escravocrata. Justificando “o olhar cego sobre a escravidão” e, principalmente, a legalidade do processo, pois diferente do que ocorria com o indígena, a escravidão do negro torna-se um ato legítimo (Castro, 2018, p. 16). E um dos locais mais propícios para desembarcar era Companhia do Grão-Pará e Maranhão², pois era o porto de desembarque mais próximo do continente africano, fazendo esse percurso diversas vezes.

A criação da Companhia do Grão-Pará e Maranhão tem por finalidade a economia agrícola, e por meio da expansão desse comércio, as rotas marítimas do comércio europeu, estimulou o processo escravista com a inserção de mão de obra escrava do negro. Visto que, “a capital maranhense tornou-se um dos quatro mais importantes entrepostos comerciais da América Portuguesa” (Costa, 2018, p. 252). Podemos observar a importância da capitania do Maranhão, com o crescimento da lavoura, logo, veio o aumento da mão de obra, canalizando o fluxo de entrada de escravos e saída de produtos agrícolas, que se interligou indiretamente com esse aumento.

¹ Faz-se uma distinção entre ‘conquistar’ e ‘descobrir’, pois, quando os portugueses tiveram que conquistar os territórios que já sabiam estarem ocupados por outros povos, através de novas expedições. (Gomes, 2018)

² Fonte: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10769/pdf>

De acordo com Costa (2018, p 244), “os escravos foram utilizados predominantemente na grande lavoura de algodão e arroz, depois na cultura açucareira”. As atividades portuárias da segunda metade do século XVIII, o Maranhão serviu de entrada para a escravaria (até o início do século seguinte, consistiu em a “idade de ouro” do ponto de vista econômico). Um produto com grande destaque agroexportador foi o algodão, que até os anos de 1823, foram responsáveis pelo aumento do tráfico de escravos. Porém, com a diminuição da produção local, gerada pela seca, não foi mais um negócio promissor. Já ao longo do século XIX, o açúcar foi o protagonista do mercado, onde atraiu boa parte da mão de obra escrava. Outro produto exportador com algum destaque foi o arroz, mas, não conseguiu desbancar o algodão ou o açúcar.

Com pressões contra a escravidão, no contexto de 1824, com a primeira Constituição Brasileira promulgada, intitulada Constituição Política do império do Brasil que descreve a Lei do Ventre Livre, onde as mulheres escravizadas dariam à luz apenas bebês livres. Segundo a lei, não nasceria mais nenhum escravizado em solo brasileiro. (Brasil, 2021, não paginado).

Esses instrumentos legais, exemplo da Constituição, retratavam o negro como um animal, um objeto e, tais leis eram meios de escravizar novamente o negro, desmistificando que o negro foi passível em seu processo de escravidão. Alguns exemplos desses instrumentos legais são a Lei de educação n° 1, de 14 de janeiro de 1837, onde diz que os negros não poderiam frequentar a escola públicas, a cultura da leitura e da escrita era considerada inútil para o conhecimento, além do trabalho duro, da doutrina da oralidade e obediência pela violência física. E a Lei de Terras n° 601, de 18 de setembro de 1850, que decreta a regulamentação fundiária, o governo incentivou cada vez mais a vinda de imigrantes europeus ao Brasil, para compra de terras e mão de obra de trabalho, onde os negros mesmo após libertos não poderiam comprar essas terras³.

Nesse cenário político e social, muitos negros ainda fugiam para os quilombos como modo de resistência e esperança de uma vida de liberdade. Visto que, havia uma intensa pressão inglesa sobre a proibição do tráfico negreiro, com a potência que a revolução industrial estava alcançando, depois de um tempo resultou em sua proibição. Logo, com as constantes fugas, a crise econômica, o fim do tráfico negreiro e a mudança para a indústria ganhando força, foram importantes motivos para a fragilização do

³ Fonte: <https://favelapotente.wordpress.com/2018/11/07/o-brasil-e-racista-e-posso-provar/#:~:text=Lei%20n%C2%BA%201%2C%20de%2014,que%20sejam%20livres%20ou%20libertos%E2%80%9D>.

processo escravista, que se intensificou com as campanhas abolicionistas (Castro, 2018, p. 19).

Políticos e intelectuais importantes, como Joaquim Nabuco e José do Patrocínio, criaram, no Rio de Janeiro, a Sociedade Brasileira contra a Escravidão, que estimulava a formação de dezenas de agremiações semelhantes pelo país. Da mesma forma, as mídias, como o jornal O Abolicionista, O Manifesto e A Revista Ilustrada, serviram de modelo a outras publicações antiescravistas. Advogados, artistas, intelectuais, jornalistas e parlamentares engajaram-se no movimento e passaram a arrecadar fundos para o pagamento de cartas de alforria.

Em razão de todo o processo sofrido pela população negra, os atos de fuga tornaram-se o único meio de liberdade. A partir daí, muitos quilombos surgiram como locais de refúgio e acolhimento. Os quilombos no Maranhão, que segundo dados de 2022 pelo Governo do Maranhão⁴ existem uma média de 1.500 comunidades quilombolas, foram as heranças deixadas pelas pessoas escravizadas que conseguiram sobreviver e atualmente são locais de ancestralidade e resistência. Atualmente, conforme o censo de 2022, 0,65% da população brasileira é quilombola, sendo o segundo maior estado, logo atrás da Bahia (com 29,9%), o Maranhão com 20,3%. Juntos os dois estados abrigam mais da metade da população quilombola (Generonumero, não paginado, 2023).

Nesse contexto, acontece uma das formas de resistência negra no processo escravista, as revoltas. A revolta da Balaiada, Sabinada, Farroupilha, Cabanagem (Higa, 2023, não paginado). A luta de uma população que se encontra em estado de plena insatisfação com a política ali existente, como vemos no quadro a seguir:

Quadro 1: Revoltas de resistência

REVOLTA	PERÍODO	BREVE RESUMO
Balaiada	1838 a 1841	Foi uma revolta iniciada na província do Maranhão, espalhando-se pelas províncias do Piauí e Ceará. Os conflitos

⁴ Fonte: GOVERNO DO MARANHÃO. Governo do Estado certifica comunidades quilombolas e traça perfil de povos de matriz africana. 2022. Disponível em: <https://www.sepe.ma.gov.br/noticias/governo-do-estado-certifica-comunidades-quilombolas-e-traca-perfil-de-povos-de-matriz-africana#:~:text=Com%20rela%C3%A7%C3%A3o%20as%20comunidades%20quilombolas,uma%20m%C3%A9dia%20de%201.500%20comunidades>.

		<p>travados envolveram forças políticas locais, como os bem-te-vis, os cabanos, além de sertanejos, quilombolas, indígenas e mestiços. Marcou também um momento de grande instabilidade econômica, política e social do Período Regencial, no Brasil Império.</p>
Sabinada	1837 e 1838	<p>Foi uma revolta que aconteceu na província da Bahia. Nesse período, o Brasil não tinha nenhum imperador no trono e o comando do império brasileiro estava nas mãos dos regentes, por isso afirma-se que a revolta da Sabinada ocorreu no Período Regencial. A revolta recebeu esse nome porque seu líder era Francisco Sabino. A participação da camada popular nela demonstra a crise social que o Brasil enfrentava naquela época. Os revoltosos desejavam implantar uma república na</p>

		Bahia, mas foram contidos pelas tropas imperiais.
Farroupilha	1831 a 1840	Foi um conflito causado por uma das revoltas provinciais que aconteceram no Brasil durante o Período Regencial. Esse movimento foi realizado pelas elites econômicas da província do Rio Grande do Sul, manifestando a sua insatisfação com o governo regencial, sobretudo por conta da centralização do poder e da política fiscal praticada na época.
Cabanagem	1835 a 1840	Foi como ficou conhecida a revolta que ocorreu na antiga província do Grão-Pará. Após D. Pedro I abdicar do trono do Brasil, em 07 de abril de 1831, seu filho, Pedro II, sucessor direto, tinha apenas cinco anos e quatro meses, enquanto a Constituição de 1824 determinava que, para assumir o cargo, o imperador precisaria ter pelo menos 21 anos completos. Inicia-se,

		<p>assim, o Período Regencial (1831-1840), marcado por agitações políticas e diversas revoltas motivadas por interesses distintos. A Cabanagem foi uma dessas revoltas regenciais e corresponde a um dos conflitos mais violentos e duradouros do período.</p>
--	--	--

Fonte: Pinto, 2023, não paginado.

Após a Lei Áurea, que em 1888 aboliu a escravidão no Brasil, ainda ficava um questionamento para onde iriam os negros recém-libertos, sem bens, como iriam se organizar em sociedade? Agora a punição seria vida livre desprovida de dignidade humana.

No entanto, o pós-abolição não correspondeu às expectativas dos abolicionistas. Diversos autores se referem a uma queda na qualidade de vida dos ex-escravos, o que pode ser reforçado pela presença de fortes movimentos sociais na Bahia nas duas primeiras décadas do século XX dirigidos a uma luta contra a carestia. A sociedade brasileira reverteu para as regras que haviam sido ameaçadas pela experiência abolicionista e milhões de brasileiros, descendentes dos escravos, continuaram vivendo de forma semelhante àquela em que viviam sob a escravatura, dado à indigência a que foram lançados. A abolição da escravatura não criou as condições para que os antigos escravos pudessem alcançar a igualdade, a cidadania plena. (Menezes, 2009, p. 99-100)

Em 1888, com a Abolição da Escravatura e em 1889, com a Proclamação da República, o Brasil se vê em um novo contexto político e econômico, onde não foi capaz de inserir o negro no mercado de trabalho como assalariado. De acordo com Martins (2012, p. 23), a crença de uma verdadeira “democracia racial” no Brasil produziu um tipo de acordo generalizado, onde há a ausência de preconceito e discriminação racial, impedindo que as desigualdades sociais fossem enfrentadas numa perspectiva de “classe” e “raça”.

Particularmente no mercado de trabalho onde o trabalho assalariado se transformou em fator de integração social, logo os direitos restritos as atividades salariais eram fonte de desigualdade e exclusão social. Eram os negros os marginalizados na

sociedade e que sofriam essa desigualdade e exclusão social, refletindo na questão trabalhista.

Assim, a escravidão do negro tornou-se um ato “natural” no Brasil, ou seja, mesmo depois da abolição, colocam o negro em lugar submisso. Os negros ainda continuam prejudicados e vítimas de preconceitos pela cor da pele, mesmo sendo a maioria da população, e essa questão racial fez o seu ponto de vista da história ser esquecido, sendo vistos com estereótipos de “escravos”. A luta pela liberdade foi substituída pela luta do negro por cidadania e igualdade.

Quando a população migra para os centros urbanos, possibilita ao negro o emprego de sua força de trabalho, provocando a urbanização. Porém, grande parte da população fica às margens, e migra para as periferias, por conta do seu baixo poder aquisitivo, com terras mais acessíveis.

A discriminação estendia-se também ao campo cultural, com as festas e bailes frequentados pelos pretos condenados pela burguesia, vistas como manifestações obscenas e primitivas. A burguesia rejeitava qualquer manifestação de cunho popular e até religioso, existia a possibilidade de perseguição às mesmas. Exemplos como a Casa das Minas e Casa de Nagô⁵, locais de festividades de religiões de matriz africanas, eram esconjuradas e consideradas casas de macumbeiros. Apenas após a abolição da escravatura é que lá puderam organizar festas com permissão das autoridades públicas. Festas que até hoje são feitas, em determinados períodos de dia, santos para as casas, porém, apesar do aumento da popularidade entre a população local, esses espaços que ainda são vistos com olhar de preconceito (Ferretti, 2008, p. 3).

Os fatos e evidências históricos apresentados mostram que o Brasil está longe de ser o país da tolerância e da democracia racial (Borges, 2009, p. 3). O povo preto vem mostrar desde sua chegada no país, atos de resistência e forma de preservar sua memória. A população negra anseia por expressar sua cultura, por meio de sua religião, da sua dança, sua música e seu canto. Atos de resistência que expressam saudade dos seus ancestrais e demonstram o clamor a seus orixás, dando exemplos de músicas afro-brasileiras presentes até hoje.

Para colocar em prática atos de resistência e abordar corretamente reivindicações de democracia, têm-se os movimentos sociais negros. Sendo movimento social, quando

⁵ Terreiros em São Luís do Maranhão que têm como religião o Tambor de Mina, culto de matriz africana. Fonte: http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppIV/eixos/5_estado-identidade/nago-e-nago-identidade-e-resistencia-em-um-terreiro-de-mina-de-sao-luis-ma.pdf.

um grupo de pessoas, organizam uma ação coletiva e suscitam a adesão de um grupo numeroso de ativistas para atrair a atenção dos poderes públicos, que se incorporam à sociedade (Gorcsevsk, 2011, p. 129).

Nesse contexto, no Brasil, acontece a mais expressiva forma de resistência negra contra o processo escravista, a intitulada Revolta da Balaiada. Nesse período, o Brasil vivenciava um estopim de revoltas, já apresentadas no quadro 1. Esse movimento que se inicia ainda no Brasil Império com as revoltas e constituições dos quilombos, do sentido de coletivo, vai se desenhando no contexto social à medida que se organiza e se determina o negro como sujeito ativo.

Motta-maués (1970, não paginado) diz que o movimento negro é:

Termo genérico que designa a organização da população negra na promoção da luta contra as desigualdades de cunho racial que a atingem. Embora, a rigor, possamos empregá-lo para referir a luta organizada, via associações e outros meios, que se dá no Brasil desde a década de 1930, o termo é empregado particularmente em relação aos movimentos de caráter político e contestador da ordem vigente e de agregação e valorização da população negra criados a partir do final da década de 1970.

Acerca do significado do termo Movimento Negro, compreende-se, mediante a análise do conceito, seu sentido maior é o de resistência, a não aceitação da raça negra ao estado em que se encontra. “O movimento Negro provém de toda uma história social, política, econômica, religiosa e cultural” (Castro, 2018, p. 29).

Em todo o Brasil, uma série de movimentos organizados por uma luta comum contra a desigualdade social e por uma democracia, sendo de caráter antirracistas, dando exemplo como a Frente Negra Brasileira (FNB) em 1931,

foi a mais destacada entidade negra no Brasil, com um programa preestabelecido de luta, visava conquistar posições para o negro em todos os setores da sociedade brasileira. A entidade se expandiu como grupos homônimos em vários estados, a exemplo do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Pernambuco, Rio Grande do Sul e Bahia [...]. A FNB proporcionou à população afrodescendente – excluída e marginalizada – não apenas assistência social, mas meios de enfrentar e combater o preconceito (Portal Geledés, 2017, não paginado).

A FNB desenvolveu também cursos de formação política, e várias ações de cunho socioeducativas como escola, grupo musical e teatral, time de futebol, departamento jurídico e, na área da saúde. Outras instituições do gênero surgiram, buscando promover a integração do afrodescendente à sociedade de forma mais abrangente, como o Clube Negro de Cultura Social (1932) e a Frente Negra Socialista (1932), na cidade de São Paulo; a Sociedade Flor do Abacate, no Rio de Janeiro, a Legião Negra (1934), em

Uberlândia/MG, e a Sociedade Henrique Dias (1937), em Salvador (Portal Geledés, 2017, não paginado).

Idealizado por Abdias do nascimento em 1944 no Rio de Janeiro, o Teatro Experimental do Negro (TEN), engloba o trabalho pela cidadania do ator, por meio da conscientização e da alfabetização do elenco, recrutado entre operários, empregadas domésticas, favelados sem profissão definida e modestos funcionários públicos (Portal Geledés, 2017, não paginado).

Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial foi um movimento criado,

para enfrentar o racismo, a discriminação racial, este movimento que se transformou no Movimento Negro Unificado, mudou a forma da população negra lutar, saindo das salas de debates e conferência, atividades lúdicas e esportivas, para ações de confronto aos atos de racismo e discriminação racial, elaborando panfletos e jornais, realizando atos públicos e criando núcleos organizados em associações recreativas, de moradores, categorias de trabalhadores, nas universidades públicas e privadas (Leite, 2022, não paginado).

O Movimento Negro Unificado é um movimento também político, indo para as ruas em manifestações, e fazendo ações como, transformar o 20 de novembro, no Dia nacional da consciência negra, data da morte de Zumbi, um dos principais comandantes do Quilombo dos Palmares, um exemplo de luta e dignidade para os negros e todos os brasileiros. Os remanescentes de quilombos, com a participação do MNU, realizaram o I Encontro Nacional dos Remanescentes de Quilombos, em novembro de 95, fortalecendo a relação do movimento negro urbano com a área rural, dando uma nova qualidade ao movimento negro do Brasil.

Antes de retratar o movimento negro, é necessário descrever as condições nas quais o Maranhão se encontrava. A realidade do Maranhão, especificamente em São Luís.

Em relação No Maranhão era proibido a prática religiosa e cultural dos negros, como o do Tambor de Crioula e o Bumba Boi, que eram as mais praticadas. Os cultos eram realizados em casas escondidas no centro da cidade, e as manifestações culturais eram nas ruas da cidade, sempre mudando de lugar, pois recebiam muitas denúncias, a elite maranhense chamava de baderna e vergonha da sociedade. Essa é uma visão elitista, vista como perturbação da ordem pública, de uma das duas manifestações culturais mais autênticas do Maranhão.

O Tambor de Crioula,

No início, era um exercício de luta caracterizado pela pernada (uma rasteira). Por ser uma luta violenta, as mulheres não participavam. Somente tempos depois, elas são introduzidas no tambor, onde

realizavam a punga de barriga. Contudo, posteriormente, no interior do Maranhão, as pungas começam a ser realizadas pelos homens, os quais a simbolizavam como uma forma de briga, diferentemente da feita pelas mulheres, que a consideravam um convite à dança (Castro, 2018, p.44)

Não só uma forma de distração ou diversão, mas também de cunho religioso, é uma dança popular maranhense de origem africana, por ser uma forma de pagamento de promessa a São Benedito, protetor dos negros. Assim como o Bumba meu Boi, foram muitos perseguidos e desvalorizados, vistos como vagabundos e desordeiros.

Tais fatos descritos compreende-se que o Movimento Negro no Maranhão não surgiu por modismo. Havia muitas questões a serem revistas, apesar da maior parte da população ser negra, ela não se descrevia assim.

E em 1979, um grupo de acadêmicos da Universidade Federal do Maranhão, insatisfeitos com a situação do negro no estado. Tiveram a consciência de sua identidade negra despertada pelos movimentos externos acontecendo no Brasil, criaram um espaço para discutir e promover ações de combate à discriminação racial. Não existia um lugar fixo de reuniões, eram salas cedidas pelo Laboratório de Expressões Artísticas e a Sociedade de Defesa dos Direitos Humanos (Alberti, 2007, não paginado)

Conseguindo adeptos a causa a Maria Raimunda Araújo (Mundinha Araújo) e o Isidoro Cruz Neto, em 19 de setembro de 1979, nasceu o Centro de Cultura Negra, rodas de conversa e estudos sobre a causa negra no estado do Maranhão. Mundinha Araújo participava de um coral da universidade, então levou participantes para aderir a causa, e o Isidoro como professor de Educação Física levou alguns dos seus alunos.

Ganhando mais adeptos, ocorreu a necessidade de criar um estatuto, com objetivos sociais, culturais e recreativos sem fins lucrativos. Mesmo sem um prédio próprio, se estruturaram de forma organizacional, ficando definida como Departamento Cultural e Esportes; de Estudos e Pesquisa; de Informação e Divulgação, neste último, inserindo a Biblioteca (Castro, 2018, p. 48). Começaram a dividir um prédio no bairro do João Paulo, com uma escola, onde hoje é o CCN-MA.

E em 1984, a partir do decreto estadual nº 9.657, de 10 de agosto, o prédio onde hoje funciona o CCN-MA foi tombado,

O Governador do Estado do Maranhão no uso dos poderes que lhes são atribuídos pela lei estadual n.º 999 de 05 de dezembro de 1978. Considerando a necessidade de integrar no patrimônio histórico, artístico e paisagístico do Estado os bens móveis e imóveis cuja preservação se impõe como medida de interesse público. Considerando que o imóvel da casa de Pólvora, no João Paulo, de propriedade da Prefeitura Municipal de São Luís, atenda, para efeito de tombamento, aos requisitos, previstos na lei Estadual n.º 3999/78, por ser um prédio

de inestimável valor histórico, como amostra representativa da arquitetura colonial da cidade de São Luís.

DECRETA

Art. 1º Fica tombado, para os efeitos da lei Estadual n.º 3999, de 05 de dezembro de 1978, o imóvel da Casa de Pólvora, João Paulo. Desta cidade de São Luís. (Maranhão, 1984).

Sendo um prédio de importância histórica, pois foi antigamente uma Casa de Pólvora e posteriormente um mercado de escravos, trazendo uma ancestralidade, não apenas um local arquitetônico. A entidade continua com seu trabalho ganhando visibilidade no estado, até que em 1994, ocorreu um projeto de lei que objetivava a doação do prédio do CCN-MA,

Em 29 de dezembro de 1994, a então Prefeita de São Luís, Excelentíssima Sra. Conceição Andrade, a partir da Lei 3. 373 do mesmo dia, mês e ano, autoriza o Poder Executivo a fazer doação ao Centro de Cultura Negra do Maranhão. Do domínio pleno do terreno que menciona e dá outras providências. (Castro, 2018, p. 48).

De algumas ações socioeducativas que o CCN-MA executa, temos três exemplos e de mais relevância, o Projeto Vida de Negro, o Projeto Akô Erês e o Projeto Bloco afro Akomabu.

Já conhecemos a luta pela posse de terras quilombolas através da violência, o Projeto Vida de Negro (PVN) visa a coleta, registro e armazenamento dos dados de terras quilombolas, para mapeamento dessas terras e fazer o registro legal para seus verdadeiros donos, dando a garantia de cidadania e direito ao povo preto quilombola.

O Projeto Akô Erês trabalha os jovens e adolescentes em vulnerabilidade social, no entorno da comunidade, afastando esses jovens da criminalidade e da influência de pessoas dependentes químicos. O objetivo desse projeto é promover uma cultura de paz ensinando a cultura preta aos jovens e, oferece aulas de capoeira, percussão, dança afro, teatro e informática.

O Projeto Bloco Afro Akomabu é o primeiro bloco afro do Maranhão, combate à discriminação racial através do povo preto. Akomabu significa “a cultura não deve morrer”. Com músicas voltadas aos orixás, e os movimentos corporais carregam a representação da história do negro, lembrando sempre da sua luta.

Atualmente, toda a história do povo preto, como podemos perceber, sofreu com o preconceito e a desigualdade. Com o intuito de preservar essa história, resguardar essa memória, existem instituições como as bibliotecas vistas como lugar de preservação, memória e resistência, podem e devem disseminar a história desse povo e ser uma

ferramenta antirracista de construção identitária do negro. O CCN-MA investiu na Biblioteca Maria Firmina dos Reis (BMFR) para preservar e disseminar aos usuários essa cultura.

3 A BIBLIOTECA COMO LUGAR DE MEMÓRIA E RESISTÊNCIA

A condição sub-humana dos povos escravizados, onde eram tratados como animais, apanhavam frequentemente, roubaram-lhe a identidade, a liberdade, e os seus direitos. Todos esses fatos levaram a tentativas de fuga e quando conseguiam formaram os quilombos, comunidades formadas por negros escravizados fugitivos das fazendas. Esses lugares transformaram-se em centros de resistência dos negros (Fiabani, 2009, p. 25).

No Maranhão, com o fato das áreas ocupadas pelas fazendas escravistas constituíam o limite da fronteira agrícola do Estado. Nessas regiões, predominam os quilombos de pequeno porte, que ocupavam as matas e tinham contato direto com a sociedade escravista mediante trocas ou aparições (Fiabani, 2009, p. 35).

No Maranhão, constituíram-se vários quilombos. Destacamos os quilombos de São Bendito do Céu, Limoeiro e São Sebastião, no vale do Turiaçu, o quilombo de Lagoa Amarela, em Chapadinha, além de muitos quilombos menores, sobretudo nas regiões dos vales de Turiaçu e do Itapecuru, nas matas de Codó, do Mearim e na Baixada Maranhense.

Desde os primeiros quilombos, os negros buscam formas de organização social. Os meios de comunicação, como a imprensa, são exemplos de movimentos sociais negros, que grande papel social na luta dos direitos e inserção dos negros na vida social brasileira, além, de outras organizações, como a Frente Negra Brasileira (FNB) e o Teatro Experimental do Negro (TEN), que tiveram seu destaque por resgatar os valores da cultura negro-africana, trabalhar pela valorização do negro no Brasil (Nunes, 2021, não paginado).

Em 1978, em São Paulo, é criado o Movimento Negro Unificado (MNU), um dos mais importantes e paradigmáticos movimentos antirracistas brasileiros. O MNU é referência para a luta antirracista em todo o Brasil, constituiu-se como um movimento de caráter antirracista. (Trapp, 2011, p. 91).

Inspirada pela luta antirracista do MNU, Maria Raimundo Araújo (Mundinha Araújo), após uma viagem ao Rio de Janeiro onde conhece o movimento *Black Power*, com negros usando seu cabelo natural e exaltando a beleza negra. E quando volta a São Luís, sua cidade natal, deixa seu cabelo afro crescer e em decorrência dessa decisão sofre muito preconceito e muitos ataques. (Alberti, 2007, não paginado)

Em 1978, participou de comitê político em São Luís onde ampliou sua visão de mundo sobre o preconceito racial. Em 1979 o MNU já tinha força no Brasil inteiro, decretando o dia 20 de novembro como o dia da consciência negra, e então Mundinha Araújo com seu amigo Isidoro Cruz Neto, professor do curso de educação física da UFMA, se reuniram para fazer um manifesto para o dia 20 de novembro. Chamaram um grupo de jovens negros universitários do Maranhão, do coral onde Mundinha participava, e alunos do Isidoro, se reuniram para pesquisar e apoiar causas sociais da população negra maranhense.

E no dia 19 de setembro de 1979 foi a primeira reunião desse grupo, hoje data de aniversário da instituição que mais tarde veio a se tornar o Centro de Cultura Negra do Maranhão (CCN-MA), influenciados pelas mesmas diretrizes do MNU de propiciar o desenvolvimento da autoestima e da valorização da população afro-maranhense, através da educação, comunicação e cultura.

Localizado na Rua dos Guaranis, s/n, Bairro dos Barés - João Paulo, foi fundado em 19 de setembro de 1979 por um grupo de pessoas negras. O prédio passado funcionou como a Casa de Pólvora do Maranhão⁶, e posteriormente como um mercado de escravos, logo, ressignificando o papel dele de opressão para de liberdade do povo preto.

O CCN-MA é uma organização não governamental, cuja missão é

Conscientização político-social e religiosa para resgatar a identidade étnica cultural e autoestima do povo negro, viabilizando ações que contribuam com a promoção de sua organização em busca de cidadania, combatendo todas as formas de intolerância causada pelo racismo, promovendo os direitos da população negra do maranhão. (CENTRO DE CULTURA NEGRA DO MARANHÃO, 2009)

Desenvolve ações de caráter político, social, religioso e educacional para valorização da cultura afro-brasileira; usando instrumentos de conscientização como seminários temáticos, palestras e encontros para o fortalecimento da organização política e social de organizações sociais da capital. Além da realização de ações comunitárias como o Encontro de Comunidades Negras do Maranhão, nos quilombos do estado.

A instituição celebra a história do seu povo, e em sua biblioteca existe a preservação da memória de um movimento social importante para a formação da sociedade. Silva (2013, p. 252) alega que “a memória coletiva é compreendida/defendida

⁶ A Casa da Pólvora e dos Armamentos, ou simplesmente Casa da Pólvora, refere-se ao único remanescente dos três depósitos históricos de pólvora e armamentos, construídos por volta dos anos de 1700. A Casa da Pólvora constitui um marco histórico, além de um símbolo do esforço colonizador português no Brasil. (João Pessoa, não paginado)

por Halbwachs como processo de reconstrução do passado vivido e experimentado por um determinado grupo social”. Logo, a memória coletiva se dá na construção mediante o convívio social, não descartando a memória individual, mas, levando em consideração os contextos externos.

A construção social da memória dos, afros brasileiros ocorreu marcada por relações de poder e teve na sociedade, historicamente marcada por relações sociais e raciais desiguais, sérias consequências, como o silenciamento histórico, onde houve um recorte entre o que se diz e o que não se diz no momento da construção, ou seja, compreendemos que há informações ignoradas na nossa história.

Essas tentativas de apagamento fizeram com que a história que conhecemos tem uma única versão, a euro-ocidental. Para a nigeriana Adiche (2009, p. 15) o perigo de uma história única é que ela

[...] cria estereótipos e o problema dos estereótipos não é eles serem mentiras, mas eles serem incompletos. Eles fazem uma história tornar-se a única história. [...] Sempre achei impossível relacionar-se adequadamente com um lugar ou uma pessoa sem me relacionar com todas as histórias desse lugar, ou uma pessoa sem me relacionar com todas as histórias desse lugar ou pessoa. A consequência da única é isso: rouba as pessoas da sua dignidade. Dificulta o reconhecimento de nossa humanidade comum [...] (Adichie apud Cardoso, 2010, p. 22)

Essa história única que acarretou numa construção de identidade negra, distorcida e estereotipada, definiu a identidade do brasileiro e os processos de significação do negro, reforçando assim uma visão negativa da população negra (Cardoso, 2010, p. 40)

De acordo com Santinello (2011, p. 155),

A identidade do indivíduo se constrói pela necessidade de sobrevivência, bem como as intrínsecas variabilidades das relações sociais, e sua delimitação do contexto, espaço e tempo em que o sujeito está inserido.

Visto que, o perigo de uma história única e da ausência de narrativas que contemplem as culturas e histórias, sendo história, uma representação do passado. Logo, para combater essa ausência, a educação antirracista, fortalece a identidade, a ancestralidade e o reconhecimento dos processos de resistência desses povos.

Instituições que celebram essa resistência são,

as bibliotecas, os museus e os arquivos surgiram da necessidade de preservar e reunir os registros em um determinado lugar. Portanto, a biblioteca tem a função de memória e, assim sendo, servirá como a memória coletiva das experiências existenciais, culturais e científicas, quer seja do indivíduo, quer seja do coletivo. (Santos, 2016, p. 177)

A história das bibliotecas surge como a necessidade do homem de compreensão do universo em que está inserido. Começa a registrar todas as informações que recebe, transformando em conhecimento a ele e a outros indivíduos. Na Idade Média, objeto dessas instituições era a concentração de documentos, ou seja, no quantitativo, além de ser em sua maioria domínio privado, representando durante um bom tempo objeto de poder.

Arelada a chegada da Coroa Portuguesa ao Brasil, está o surgimento das bibliotecas aqui no país, porém, com o intuito de incentivar o autoritarismo e poder da nobreza, que detinham esse conhecimento na época, podendo exercer a manipulação com a disseminação ou não desse conhecimento (Castro, 2018, p. 70).

A primeira Biblioteca do Maranhão foi a Pública Provincial, aberta oficialmente ao público de São Luís, e surgiu em 3 de maio de 1831. Tempos depois, foi denominada de Biblioteca Pública Benedito Leite. (Moraes, 1973, p. 16).

A Lei n.º 12.343, de 2 de dezembro de 2010, que institui o Plano Nacional de Cultura, diz que a biblioteca é descrita como canal de comunicação e diálogo com os cidadãos e consumidores culturais, favorecendo a ampliação e participação direta destes na gestão dos equipamentos e reconhecendo, assim, a biblioteca como espaço fundamental de informação e de memória. (Brasil, 2010, não paginado)

A análise de mudança no conceito de “biblioteca” é fundamental para entendermos ela como espaço fundamental de informação e de memória. Temos quatro classes de bibliotecas, apresentaremos um breve conceito delas. A biblioteca pública, segundo a Unesco (2022, p. 2) é o centro local de informação, disponibilizando todo tipo de conhecimento e informação aos seus usuários, e são vinculadas a órgãos públicos. A biblioteca comunitária surge da necessidade e trabalho em uma comunidade, são criadas para atender as suas demandas (Machado, 2009, p. 86).

A biblioteca especializada e está necessariamente atrelada a uma instituição e atende às demandas informacionais do grupo de técnicos e especialistas vinculados formalmente a essa instituição. Já a biblioteca universitária é criada por lei federal, independentemente de ser vinculada a uma instituição de ensino superior pública ou privada, atende prioritariamente a comunidade de docentes, estudantes e funcionários que a integram (Machado, 2009, p. 85)

E isso se representa em todas as classes de bibliotecas, a pública, a comunitária, a universitária e a especializada, que independente de sua área devem atuar como objetivo de satisfazer as necessidades informacionais dos usuários.

A biblioteca como lugar de memória se configura a partir do plano biológico e cerebral do homem, transcrevendo suas experiências existenciais, científicas e culturais a partir da inscrita, sob a forma de documentos reunidos, organizados e disseminados. (Silveira, 2010, p. 69).

Nesse contexto de acesso e uso da informação democrática, inserem-se as Bibliotecas, sejam elas Públicas, Comunitárias, Especializadas ou Escolares. Todas estão a serviço de sua comunidade, como instrumento de preservação e difusão da informação, além de ter um papel importante na sociedade, na medida que se torna um local de interação social e manifestações culturais.

Um das ações afirmativas foi a Lei nº 10.639, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, e diz que inclui a obrigatoriedade das redes de ensino “o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil” (Brasil, 2010, não paginado)

Dessa forma, bibliotecários, como incentivadores da leitura e agentes culturais, precisam repensar as práticas pedagógicas a fim de abranger estudos a partir de uma perspectiva de uma educação afro centrada, ou seja, legitimando e exaltando de uma forma positiva a comunidade negra.

As bibliotecas também se tornam agentes sociais, atendendo as necessidades dos usuários, a partir de um olhar humano, tornando-se um lugar de conhecimento fundamental para a construção da identidade negra (Gomes, 2016, p. 745).

O gestor da informação deve trabalhar visando propiciar a geração de conhecimento, criando oportunidade e mostrar caminhos para que os usuários sejam preparados para produzirem novas contribuições científicas para a sociedade, por meio dessas atividades, o Bibliotecário desenvolve competências que irão corresponder à sua contribuição para a transformação social (Pires, 2012, não paginado).

O bibliotecário deve ter uma postura não só tecnicista, mas humana, capaz de ver e reconhecer o outro, pois,

O bibliotecário não deve se portar passivamente diante do acervo e sim estar atento e informado a respeito das ideologias e estereótipos que circulam nos diversos suportes informacionais a fim de propor uma reflexão do processo de discriminação racial brasileiro que desqualifica a participação da população negra na construção social. (Gomes, 2016, p. 747)

Dentro da questão social, além da constituição do acervo voltado à necessidade do usuário, como forma de preservação cultural, política, social e histórica. Não podemos

esquecer as relações interpessoais que são construídas nesse ambiente, a biblioteca proporciona a comunicação e socialização das pessoas, assim, se torna um espaço democrático.

Seguindo essa democracia nos serviços e relações, como a difusão de informações, nesse caso étnico-raciais e, com um acervo democrático, ou seja, com maior diversidade literária.

4 BIBLIOTECA MARIA FIRMINA DOS REIS: uma coleção antirracista?

As bibliotecas são estruturas sociais críticas que moldam nossa realidade, têm a possibilidade de ressignificar a luta e a resistência dos afro-brasileiros, com a produção do conhecimento e a valorização da memória.

o profissional bibliotecário deve apresentar uma postura ética e um pensamento crítico que possibilite a ampliação do seu olhar sobre o local onde atua, a construção da real democratização do acesso à informação que atenda às necessidades informacionais de todos os seus usuários, sem discriminação e manutenção da presença de saberes apenas euro centrados estabelecendo assim uma mudança das práticas com o intuito de uma descolonizar os saberes e assim aproximar tanto o bibliotecário quanto os seus usuários da história e cultura afro-brasileira e africana (Silva, 2022, p. 128).

Visando o desenvolvimento de ações educativas no combate ao racismo e ao fortalecimento da educação antirracista, o trabalho do bibliotecário deve abranger temáticas que possibilitem o desenvolvimento de ações que promovam a equidade racial e social.

Ao analisar o conceito de antirracismo, vemos que um antirracista é alguém que age para criar mudanças, e não alguém que meramente professa. Antirracismo é ação transformadora. O enfrentamento ao racismo no campo educacional, não basta apenas educar, é preciso discutir o papel do povo negro na história do Brasil.

O acervo de uma biblioteca pode intervir na formação da visão de mundo e, logo, no comportamento social, através do poder da leitura. A inclusão de obras democráticas faz com que o público se identifique com as vivências e com a história dessas obras. Visto que, a literatura negra ou afrodescendente contribui para a construção da identidade negra, a presença da literatura diminui as barreiras impostas pelo preconceito e a desigualdade de gênero e etnia. Com essas características do acervo dinâmico, ou seja, temos um acervo mais democrático.

O que seria esse acervo mais democrático?! Contendo documentos não apenas que falam sobre o combate ao racismo ou sobre povos escravizados, mas livros que trazem personagens negros no cotidiano, em situações de protagonismo, que trazem história de matriz africana e afro-brasileiras, e também livros de autores e ilustradores negros. Na biblioteca não basta apenas termos um acervo diverso, é preciso dinamizar esse acervo.

Para contribuir nessa educação antirracista no meio da biblioteca,

o profissional bibliotecário necessita compreender como diferentes culturas foram inferiorizadas no contexto etnocêntrico e racista na formação sociocultural brasileira; questionar os conteúdos que dissemina na biblioteca, bem como selecionar e enfatizar as

representações positivas que têm sido impulsionadas pelo movimento negro brasileiro ao longo dos tempos (Cardoso, 2010, p. 32)

O profissional bibliotecário pode contribuir com a reconstrução da história de um grupo através da seleção e disseminação da memória e da informação. Uma das ferramentas que se pode utilizar no espaço da biblioteca são as ações culturais, que demonstra que é possível ressignificar as narrativas sobre o passado.

A ação cultural é uma das atividades ligadas às funções da biblioteca, a função cultural. De acordo com Martins (2008, não paginado) por ação cultural compreende: as atividades realizadas pelo pessoal da biblioteca, em conjunto com outros membros da comunidade, visando estimular e aprimorar o gosto pela leitura. Já Santos (2015, não paginado) diz que a ação cultural deve criar oportunidades para os indivíduos elaborarem suas produções e tirarem suas conclusões, ou seja, tornar a biblioteca um espaço prazeroso, atraente, dinâmico, de livre acesso à leitura e ao conhecimento, voltado principalmente para a produção cultural.

Sendo locais de cultura, devido ao seu acervo, uma vez que este contém não apenas livros com informações culturais, como língua, culinária, leis, vestuário, costumes, mas também contém CDs, DVDs, discos, fitas VHS, obras raras, pinturas, documentos históricos, documentos digitais entre outros materiais. O acervo da biblioteca é um rico material cultural (Santos, 2016, p. 174).

As bibliotecas contêm espaços (físicos e virtuais) que podem conter e apoiar diálogos comunitários construtivos sobre as dimensões de raça e poder na vida comunitária. Visto que, essas instituições podem se tornar incubadoras para a compreensão da comunidade, em 14 de maio de 1987, foi inaugurada a Biblioteca Maria Firmina dos Reis (BMFR), cujo objetivo é contribuir na missão de sua instituição mantenedora, com o intuito de preservar a memória coletiva de um povo, nesse caso, do povo preto.

A Biblioteca Maria Firmina dos Reis, nessa composição de memória e história, deveria prestar serviços e atividade disseminando a cultura do povo preto, conservar a memória e disseminar a história desse povo, além de conscientizar também o não branco, pois, é necessário trabalhar o oprimido e o opressor. Porém, não é assim que a biblioteca se encontra, mas “se a informação é poder, a Biblioteca é perigosíssima. No entanto, não é vista assim; mas, também, não funciona como um centro de informação. Daí não ser entendida como perigo” (Milanesi, 1986, p. 17).

O resgate da memória da história desse povo, por meio da Biblioteca Maria Firmina dos Reis, poderá quebrar o distanciamento entre a comunidade e a instituição,

uma vez que o bibliotecário e suas habilidades técnicas e humanas poderão mediar a relação do indivíduo com a informação, a partir do momento que ele resguarda e difunde, gerando ações afirmativas no ambiente para promover a consciência étnico-racial.

Dado o nome da biblioteca, Maria Firmina, afro descendente pelo lado materno, foi criada pela mãe, com a irmã, na casa da avó materna. Manifestou interesse pelo bem-estar infantil, e quando mais velha estabeleceu uma escola mista no Maranhão, iniciativa inovadora para a época. (Pinto-bailey, 2021, não paginado).

Úrsula é uma das maiores obras, pioneiro romance brasileiro publicado por uma mulher negra. A obra teve destaque pelo seu discurso abolicionista, denunciou a situação social do negro e expõe as crueldade e injustiças do sistema escravocrata, onde Maria Firmina apresentou-se com o pseudônimo “Uma Maranhense” (PINTO-BAILEY, 2021, não paginado).

Por toda sua importância no âmbito nacional e na população negra, a autora foi escolhida para ter essa homenagem no Centro de Cultura Negra, por toda sua luta e resistência pela educação e pelo povo preto.

Fotografia 1: Placa da BMFR



Fonte: Autoria própria

A biblioteca está localizada em uma das salas do CCN-MA, no térreo (corredor ao lado esquerdo da entrada principal). Possui boa iluminação, ambiente arejado e com

ar-condicionado. Contém 9 estantes para o acervo, dois armários, uma mesa grande de estudo e reuniões e 10 cadeiras dispostas em volta, como representa a imagem a seguir:

Fotografia 2: Espaço físico da BMFR



Fonte: Autoria própria

Na visita técnica realizada, foi falado que a maioria do acervo foi doada pelo professor Luiz Alves, que foi membro e um dos fundadores do Centro de Cultura Negra. Para compreender melhor os dados da análise do acervo, vimos que são dispostos de acordo com sua temática de Literatura negra, História e Política, Religião, Ciências Sociais (incluindo educação, meio ambiente, agricultura e direitos humanos), história do povo preto.

Na análise do acervo trazemos exemplos de alguns títulos separados pelas temáticas, começamos com a história do povo negro e indígena. Obtemos, também, documentos sobre o continente africano, a América do Norte, como os Estados Unidos e a escravização nesse local.

Quadro 2: História do povo negro e indígena

TÍTULO	AUTOR
O Sul mais distante: Os Estados Unidos, o Brasil e o tráfico de escravos africanos	Gerald Horne
O processo civilizatório	Darcy Ribeiro
Jovens negros em São Paulo	Revista Palmares
Os herdeiros de Zeferino: Perícia antropológica em processo de regularização de território quilombola	Benedito Souza Filho
Introdução a literatura negra	Zilá Bernd

Imagens do negro na literatura brasileira	Jean M. Carvalho França
A história dos povos indígena e afro-brasileiro	Sérgio Vieira Brandão
A política de cotas no ensino superior	José Jorge de Carvalho
A política indigenista no Maranhão provincial	Elizabeth Maria Beserra Coelho
Negro: um dilema americano	Arnold Rose
Episódios de história afro-brasileira	Ricardo Henrique Salles
A população da diáspora africana da Amazônia	Marco Antônio Domingues Teixeira
O abolicionismo	Joaquim Nabuco
Moradores da rua "C": jovens negros excluídos da escola	Maria Aparecida de Souza Aiza
Albânia: 40 anos desbravando a história	Enver Hoxga
Os povos indígenas no Brasil /1984	Centro ecumênico de documentação e informação (Cedi)
A história da mulher negra	Conselho Municipal das Populações Afrodescendentes - COMAFRO
Negros do Trombetas: guardiães de Matas e Rios	Rosa Acevedo; Edna Castro
Antropologia: negro, macumba e futebol	Anatol Rosenfeld
Mulher negra: professora universitária	Eliana de Oliveira
Relatório do II encontro nacional de saúde das populações do campo e da floresta	Ministério da Saúde
A capoeira escrava e outras tradições rebeldes do Rio de Janeiro (1808-1850)	Carlos Eugênio Líbano Soares
Manoel Bomfim: combate ao racismo, educação popular e democracia racial	Aluizio Alves Filho
Territórios quilombolas: reconhecimento e titulação das terras	Boletim informativo do NUER
A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina	Nancy Leys Stepan
Religião, raça e identidade: colóquio do centenário da morte de Nina Rodrigues	Adroaldo J. S. Almeida; Lyndon de A. Santos e Sergio F. Ferretti (org.)
Os 500 anos: a conquista interminável	Waldir José Rampinelli; Nildo Domingos Ouriques (org.)
Hip hop: a periferia grita	Janaina Rocha et. al.
A capoeira no Maranhão: entre as décadas de 1870 e 1930	IPHAN
Escravidão em São Paulo e Minas Gerais	Francisco Vidal Luna et. al.
Reino negro de palmares	Mário Martins de Freitas
Na casa de meu pai: À África na filosofia da cultura	Kwane Anthony Appiah

Angola: estratégias de inserção internacional	Joveta José
História e cultura afro-brasileira e indígena	André Marcos de Paula e Silva
Museus afro-digitais e política patrimonial	Sérgio Figueiredo Ferretti
Kitábu: o livro do saber e do espírito negro-africanos	Nei Lopes
O sobrado e o cativo: a arquitetura urbana erudita no Brasil escravista	Mário Maestri
O serviço social e a questão do negro na sociedade brasileira	José Barbosa da Silva Filho
Escravidão e liberdade: temas, problemas e perspectivas de análise	Regina Célia Lima Xavier (org.)
Colonizador colonizado: no holocausto dos empobrecidos	Fausto Marinetti
A construção social da cor: diferenças e desigualdade na formação da sociedade brasileira	José D'assunção Barros
Dicionário escolar afro-brasileiro	Nei Lopes
O desafio do escombros: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura Guiné-Bissau	Moema Parente Augel
Costas raciais no ensino superior: entre o jurídico e o político	Evandro C. Piza (org.)
A África do Sul e as ex-colônias portuguesas	Iniciativas Editoriais
Ordem médica e norma familiar	Jurandir Freire Costa
A África que incomoda: sobre a problematização do legado africano no cotidiano brasileiro	Carlos Moore
O jogo da dissimulação: abolição e cidadania no Brasil	Wlamyra R. de Albuquerque
Abolição: uma história da escravidão e do antiescravismo	Seymaour Drescher
Votán-zapata: a marcha indígena e a sublevação temporária	Marco F. Brige (org.)
Quilombolas do Brasil: um retrato	Veruska Oliveira
Quilombolas de Caxias, Maranhão	ACONERUQ
Nelson Mandela	Revista Time
As marcas da escravidão: o negro e o discurso oitocentista no Brasil e nos Estados Unidos	Heloisa Toller Gomes
Kennedy e os negros	Harry Golden
Colonização e política: debates no final da escravidão	Roselene de Cássia Coelho Martins
Pensar nagô	Muniz Sodré

Os sons dos negros no Brasil	José Ramos Tinhorão
Encruzilhadas da liberdade	Walter Fraga Filho
Terra de índio: identidade étnica e conflito em terras de uso comum	Maristela de Paula Andrade
Prostitutas de guerra mercenários de hoje: Angola, túmulo dos mercenários	Wilfred Burchell; Derek Roebuck
Episódios de história afro-brasileira	Ricardo Henrique Salles; Mariza de Carvalho Soares
Povos e comunidades tradicionais e o ano internacional da agricultura	Edmilton Cerqueira et. al.
500 Anos de solidão: estudos sobre desigualdades raciais no Brasil	Marcelo Paixão
Revista civilização brasileira	Revista civilização brasileira
História da África negra I	Joseph Ki-Zerbo
Entre Orfeu e Xangô: a emergência de uma consciência sobre a questão do negro no Brasil 1944/1968	José Jorge Siqueira
Inclusão étnica e racial no Brasil: a questão das cotas no ensino superior	José Jorge de Carvalho
A luta do negro americano	Benjamin Muse
O negro na telenovela brasileira: a negação do Brasil	Joel Zito Araújo
África negra: história e civilizações	Elikia M'Bokolo
Costumes africanos no Brasil	Manuel Querino
Memórias do cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição	Ana Lugão Rios; Hebe Mattos
Nelson Mandela: o homem e o movimento	Mary Benson
Resistência e fé: narrativas de um quilombola	Ednaldo Padilha
O deus nômade: o mundo espiritual dos Guajajara	Carlo Ubbiali
Voz de Angola clamando no deserto	União dos escritores angolanos
Faces da tradição afro-brasileira	Carlos Caroso (org.)
Brasil afro-brasileiro	Maria Nazareth Soares Fonseca
Os ciganos ainda estão na estrada	Cristina da Costa Pereira
Angola na hora dramática da descolonização	Fernando Barciela Santos
O nascimento da cultura afro-americana: uma perspectiva antropológica	Sidney W. Mintz; Richard Price
De caboclos a bem-te-vis: formação do campesinato numa sociedade escravista	Matthias Röhrig Assunção
Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica	Edward Telles
Dicionário de relações étnicas e raciais	Ellis Cashmore

O Brasil pós “milagre”	Celso Furtado
As identidades do Brasil: de varnhagen a fhc	José Carlos Reis
A experiência africana	Vincent B. Khapoya
Nei Lopes	Oswaldo Faustino
A escravidão no império	Gerson Brasil
Racismo das cruzadas ao século XX	Francisco Bethencourt
Estudos afro-brasileiros	José Antônio Gonsalves de Mello
Fala, crioulo o que é ser negro no Brasil	Haroldo Costa (org.)
O que você pode ler sobre o negro	Núcleo de estudos negros
Projeto comunidades negras do Maranhão	Wilson Marques
Congressos de cultura negra de las américas	Cuardenos negros americanos
Anais do encontro parlamentar pela democracia racial: Zumbi, 300 anos de imortalidade	Secretaria de documentação e informação
Relações raciais e desigualdades econômicas	Câmara dos deputados
Política nacional de promoção da igualdade racial	Câmara dos deputados
O futuro também precisa ser negro	Coordenadoria Especial do Negro
Projeto Agô: Terecô em Santo Antônio dos Pretos	GDAM
Voto negro elege	Centro de estudos da cultura Negra
A cólera dos famintos	Juliana Gongolo
Estudos afro-asiáticos	Cadernos Cândido Mendes
Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês (1835)	João José Reis
Cartas aos abolicionistas ingleses	Joaquim Nabuco
O movimento negro e as eleições	Yedo Ferreira; Amouri Mendes
Anais do seminário ética e estética multirracial Brasil-África do Sul	Fundação Cultural Palmares
500 Anos de resistência negra no Brasil: os remanescentes de quilombo e outras experiências	Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva
Abaixo a discriminação contra a mulher e o negro no Brasil	Câmara dos deputados
Akomabu: Periafricania, da capoeira ao hip hop	Centro de Cultura Negra do Maranhão
Dicionário antológico da cultura afro-brasileira	Eduardo Fonseca Júnior
As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição	Mário Theodoro (org.)

Jornada negro-libertária	Abdias do Nascimento
A lei e o direito do negro	Secretaria de Justiça e Direitos Humanos
Ecos da escravidão	Francinaldo de Jesus Morais

Fonte: Autor

Documentos religiosos sobre religiões de matriz africana, como o candomblé e a umbanda e o catolicismo.

Quadro 3: Religiões

TÍTULO	AUTOR
Candomblé e umbanda: o desafio brasileiro	Raimundo Cintra
Mistérios e magias: na umbanda e candomblé	Babalorixá Paulo D'xangô
O testamento de Judas	Cesar Teixeira
O estudo das religiões: desafios contemporâneos	Silas Guerreiro (org.)
História de uma alma: manuscritos autobiográficos	Santa Terezinha do Menino Jesus e da Sagrada Face
Religiões afro-brasileiras: uma construção teológica	João Luiz Carneiro
O candomblé da Bahia	Roger Bastide
Opus Dei: a falsa obra de Deus	Elisabeth Castejón
Santo Agostinho	Coleção os pensadores
Os manuscritos do mar morto	Edmund Wilson
Religião no Brasil: enfoque, dinâmicas e abordagens	Pedro D. Siepierski; Benedito M. Gil
Religiosidade no Brasil	Revista USP
A igreja dos oprimidos	Helena Salem (org.)
O comunismo do caminho: a prática dos primeiros seguidores do movimento de Jesus na comunidade de Jerusalém	Edeval Silveira
Encantaria de "Barba Soeira": Codó, capital da magia negra?	Mundicarmo Ferretti
Omulu: o senhor do cemitério	José Ribeiro
Axés do sangue e da esperança	Abdias do Nascimento
Pontos cantados e riscados de caboclos	N. A. Molina
Umbanda: sua codificação	Edyr Rosa Guimarães; Almir de Lima
Manual de oferendas e despachos na Umbanda e na Quimbanda	N. A. Molina
Oxalá e Jesus	Comunicações do ISER
Homenagem às religiões afro-brasileiras, tradição e resistência	Câmara dos Deputados

Fonte: Autor

Documentos com a temática de literatura negra e/ou autoria de pessoas negras, contendo livros infanto-juvenis.

Quadro 4: Literatura negra

TÍTULO	AUTOR
Amoras	Emicida
Hibisco Roxo	Chimamanda Ngozi Adichie
No seu pescoço	Chimamanda Ngozi Adichie
A escrava romana	Benévole Nogueira
Zumbi	Centro de Cultura Negra
Negras Líricas: intérpretes negras brasileiras na música de concerto (século XVII-XX)	Sérgio Bittencourt-Sampaio
A língua e o folclore da bacia do São Francisco	Edilberto Trigueiros
Omeros	Derek Walcott
Poemas do povo da noite	Pedro Tierra
Bandeira negra, amor	Fernando Molica
Lenda dos orixás para crianças-Exu	M. Pestana
Na minha pele	Lázaro Ramos
Sobrevivendo no inferno	Racionais mc's
O príncipe medroso e outros contos africanos	Anna Soler-Pont
A lenda do menino encantado	Yêda Marques
Oxumarê, o arco-íris	Reginaldo Prandi
Xangô, o trovão	Reginaldo Prandi
Godi o menino chamado liberdade	Fábio Ferreira
Meu avô africano	Carmen Lucia Campos
Marginal à esquerda	Angela-Lago
Do outro lado tem segredos	Ana Maria Machado
Menina bonita do laço de fita	Ana Maria Machado
História de índio	Daniel Munduruku
Pedrinho e a chuteira da sorte	Marcelo Cavalcante
Mandela, o africano de todas as cores	Alain Serres
Quando mamãe adoeceu	Belise Mofeoli
Coleção velhas histórias, novas leituras	Inaldete Pinheiro de Andrade
Diário de Pilar na África	Flávia Lins e Silva
Para educar crianças feministas	Chimamanda Ngozi Adichie
Sejamos todos feministas	Chimamanda Ngozi Adichie
Histórias da preta	Heloisa Pires Lima
Canto Urbano da Silva: poesias	Rossini Corrêa

Fonte: Autor

Nessa temática encontramos documentos sobre história e política do Brasil, adentrando o Maranhão, biografias, revoltas e histórias também de outros países.

Quadro 5: Histórica e política:

TÍTULO	AUTOR
Ensaio de antropologia brasileira	E. Roquette-Pinto
Vida do viajante: A saga de Luiz Gonzaga	Dominique Dreyfus
Os pensadores	Sócrates
O príncipe	Machiavelli

Símbolos nacionais do Brasil e estados do Maranhão	Mario Martins Meirelles
Estatuto da criança e do adolescente	Brasil
Metodologia das ciências sociais	Max Weber
O liberalismo radical de Frei Caneca	João Alfredo de Sousa
Do feudalismo ao capitalismo	A. Z. Manfred
O desenvolvimento do raciocínio na era da eletrônica	Patricia Marks Greenfield
Essência e consciência: uma breve reflexão sobre a existência humana	José Luiz da Cunha
Desenvolvimento de iniciativas sociais	Christopher Schaefer
Uma introdução a antropologia social	Roberto da Mata
Memória indiscreta: de Getúlio, Juscelino, Prestes, Drummond, Vinícius, Bethânia, etc.	Hildon Rocha
Juventude e iniciação científica: políticas públicas para o ensino médio	Fundação Fiocruz
Coleção os grandes líderes: Peron	John DeChancie
Discurso do método	Descarte
História antiga e medieval	Osvaldo Rodrigues de Souza
Coleção os grandes líderes: Danton	Frank Dwyer
Coleção os grandes líderes: Khomeini	Matthew Gordon
Coleção os grandes líderes: Luís XIV	Pierre L. Horn
Coleção os grandes líderes: Rainha Vitória	Devirdes Shearman
Coleção os grandes líderes: Kadafi	Benjamin Kyle
Coleção os grandes líderes: Cleópatra	Dorothy e Thomas Hoobler
Coleção os grandes líderes: Margaret Thatcher	Bernard Garfinkel
Memórias	Gregório Bezerra
O massacre de Sabará e Chatila	Amnon Kapeliouk
Guia histórico da biblioteca Benedito Leite	Jomar Moraes
A questão jesuítica no Maranhão colonial	Sebastião Barbosa Cavalcante Filho
História da civilização ocidental: geral e Brasil	Antônio Pedro
Rebeldes Brasileiros: homens e mulheres que desafiaram o poder	Frei Caneca et al.
A terra ou a morte: os problemas da nova ecologia	Enzo Tiezzi
Judaísmo para o século XXI	Nilton Bonder
Brasileiros na Suíça	Safira Bezerra Ammann; Paul Ammann
Imagens do Moderno em São Luís	Valdenira Barros
Leis do babaçu livre	Joaquim Shiraishi Neto
Sentença: padres e posseiros do Araguaia	Rivaldo Chinem
Brizola e o trabalhismo	Moniz Bandejas
História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea	Marcel Mazoyer; Laurence Rodart

Prisioneiros da geografia: 10 mapas que explicam tudo o que você precisa saber sobre política global	Tim Marshall
El golpe fascista contra Venezuela	Hugo Chávez
Colonização de fronteira agrícola: um modelo de desenvolvimento rural	Heitor Moreira Lima Junior
Dois estudos para a mão esquerda: cabanagem; guerrilha ou luta de massas	Renato Guimarães
A propriedade horizontal no direito romano	Eduardo C. Silveira Marchi
O quebra quilo: a revolta dos matutos contra os doutores	Geraldo Ireneo Joffily
Maranhão reportagem	Félix Alberto Lima
Igreja, seguimentos populares e ação libertadora: uma relação perigosa	Admário Luiz de Almeida
Nordeste: nação espoliada	Hélio Ramos
O governo João Goulart: as lutas sociais no Brasil	Luiz Alberto Moniz Bandeira
O essencial de JK: visão e grandeza, paixão e tristeza	Ronaldo Costa Couto
A reforma agrária na virada do milênio	José Gomes da Silva
Timor leste: este país quer ser livre	Sílvio L. Sant'anna
Brasil: mito fundador e sociedade autoritária	Marilena Chaui
Memória de velhos depoimentos: uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense	Raimundo Gomes et. al.
Varando mundos: navegação no Vale do Rio Grajaú	Alan Kardec Gomes Pacheco Filho
Modernidade e holocausto	Zygmunt Bauman
Sangue e entranhas: a assustadora história da cirurgia	Richard Hollingham
Caminhos do gado: conquistas e ocupação do sul do Maranhão	Maria do Socorro Coelho Cabral
História e poder: a reprodução das elites em Santa Catarina	Waldir José Rampinelli(org.)
Os parceiros do rio bonito	Antônio Candido
A verdade vencerá: o povo sabe por que me condenam	Luiz Inácio Lula da Silva
A casa dos mortos: o exílio na Sibéria sob os románov	Daniel Beer
Rio São Francisco, sua história e estórias	José Bergamini
Dicionário crítico da mineração	Caroline Siqueira (org.)
Nomes de países: sua origem e significado	Sérgio Bath
Os donos do poder	Raymundo Faoro
O Brasil de João Goulart: um projeto de nação	Oswaldo Munteal (org.)
Julião-Nordeste-Revolução	Lêda Barreto

1943: Roosevelt e Vargas em Natal	Roberto Muylaert
Brizola tinha razão	Leite Filho
República: um outro olhar	Ana Luiza Martins
O governo Kubitschek	Maria Victoria de Mesquita
Rio Babel: a história das línguas da Amazônia	José Ribamar Bessa Freire
Soldados da borracha: trabalhadores entre o sertão e a Amazônia no governo Vargas	Maria Veronica Secreto
Leonel Brizola	Alda Sousa; Floriano Soares
Projetos para o Brasil	José Bonifácio de Andrade e Silva
Véspera do primeiro de abril	Hemílio Fróes
O livro da guerra grande: quatro escritores latino-americanos e a guerra do Paraguai	Augusto Roa Bastos et. al.
Maragatos: a revolução federalista no Paraná e o General Gumerindo Saraiva	Valério Hoerner Júnior
Antônio Ermírio de Moraes: memórias de um diário confidencial	José Pastore
Explosão demográfica e crescimento do Brasil	Mário Victor de Assis
Uso de agrotóxicos no Brasil: controle social e interesses corporativos	José Prado Alves Filho
O caráter nacional brasileiro	Dante Moreira Leite
Henrique de La Roque: Grandes vultos que honraram o senado	Henrique Arthur de Souza
Grande Carajás: planejamento da destruição	Orlando Valverde
Presidente Antônio Carlos	Ligia Maria Leite Pereira; Maria Auxiliadora de Faria
A saga dos Kennedy	Rose Fitzgerald Kennedy
Eugen Warming e o cerrado brasileiro	Aldo Luiz Klein (org.)
Pierre Bourdieu - entrevista	Maria Andréa Loyola
A serra de Baturité	Arnóbio de Mendonça Barreto
Índigenas no Brasil: demandas dos povos e percepções da opinião pública	Gustavo Venturi; Vilma Bokany
Brasil, amor a primeira vista: viagem ambiental no Brasil do século XVI ao XXI	Sandra Marcondes
A grande fome de MAO	Frank Dikötter
Documentação do Nordeste	Josué de Castro
Pesquisadores do Maranhão	FAPEMA
Luiz Carlos Prestes: patriota, revolucionário, comunista	Anita Leocadia Prestes
Carlos Marighella	Emiliano José
História de uma escola para o povo: projeto João-de-Barro no Maranhão	Claudett de Jesus Ribeiro
Gênese e estrutura do capital de Karl Marx	Roman Rosdolsky
Luta armada no Brasil dos anos 60 e 70	Jaime Sautchuk
Gêneses da Academia Maranhense de Ciências	Zafira da Silva de Almeida (org.)
Pesquisas para a história do Piauí	Odilon Nunes

João do vale: mais coragem do que homem	Andréa Silva Oliveira
Meio século de um homem: Edivaldo Lacerda de Andrade	Pedro Bandeira
Diagnóstico dos sistemas de produção pesqueiro artesanais do litoral do Maranhão	Zafira da Silva de Almeida et. al.
O santo ofício da inquisição no Maranhão: a inquirição de 1731	Anita Waingort Novinsky
O anjo da fidelidade: a história sincera de Gregório Fortunato	José Louzeiro
A expulsão de ribeirinhos em Belo Monte	Sônia Barbosa Magalhães (org.)
Báu de ossos	Pedro Nava
Pedro Pomar: ideias e batalhas	Oswaldo Bertolino
Terra do gado: a conquista da capitania do Piauí na pata do boi	Afonso Ligório Pires de Carvalho
Coletânea de trabalhos científicos	Carlos Chagas
Reconstruindo Lênin: uma biografia intelectual	Tamás Krausz
Crise do capital, lutas sociais e políticas públicas	Joana Aparecida Coutinho (org.)
Criança ou soldado: o direito internacional e o recrutamento de crianças por grupos armados	Gabriela Rodrigues Saab Riva
Os tenentes na revolução brasileira	Octavio Malta
Chico Mendes: por ele mesmo	Mary Nakashima (org.)
Inconfidência mineira: as várias faces	Júlio José Chiavenato
O capital	Karl Marx
Matrizes ibéricas do sistema penal brasileiro	Nilo Batista
Carolina: uma biografia	Tom Farias
Leonardo da Vinci	Martin Kemp
A revolução das prioridades: da modernidade técnica à modernidade ética	Cristovam Buarque
A farsa do neoliberalismo	Nelson Werneck Sodré
O governo João Goulart: as lutas sociais no Brasil	Moniz Bandeira
Para onde vai Brizola: trabalhismo ou socialismo	Lauro Schuch
Introdução a revolução de 1964: a queda de João Goulart	Carlos Castello Branco
Imagens de uma nação	Luciano Figueiredo (org.)
Getúlio Vargas	André Carrazzoni
Visão panorâmica da Costa do Marfim	Henrique Paulo Bahiana
Projeto Vida de Negro	Centro de Cultua Negra do Maranhão
A verdadeira história do Brasil são outros quinhentos	Centro de Cultua Negra do Maranhão
Apesar do bloqueio: um repórter em carioca em Cuba	Mário Augusto Jakobskind

Projetos de lei da senadora Benedita da Silva	Senado Federal
---	----------------

Fonte: Autor

Contendo alguns clássicos da literatura brasileira, e documentos de autores do estado do Maranhão.

Quadro 6: Literatura brasileira

TÍTULO	AUTOR
Os sertões	Euclides da Cunha
A fazenda americana	Isak Dinesen
A peste	Albert Camus
Poética como fazer versos	Maiakóvsky
Antropoema ou o signo da humana dor	José Chagas
A massai branca: meu caso de amor com um guerreiro africano	Corinne Hofmann
Natal	Astolfo Marques
Esperando o amor chegar	Iyanla Vanzant
Terra Caída	José Potyguara
Contos de Belkin	Pushkin
Leitura e legados	Florestan Fernandes
Os sonhos não envelhecem: história do clube da esquina	Márcio Borges
Literatura comentada	Cruz e Sousa
Erasmus dias e noites	Erasmus Dias
Os escravos	Castro Alves
A balaiada: romance histórico do tempo da regência	Viriato Corrêa
A revolução chinesa	Holien Gonçalves
Vale a pena sonhar	Apolonio de Carvalho
A arte de semear estrelas	Frei Betto
Minha pulga	Giovanni Berlinguer
Teatro De Arthur Azevedo	Antônio Martins de Araújo
Algumas crônicas da mocidade no Ceará	Pires Saboia
A escrava Isaura	Bernardo Guimarães
Triste fim de Policarpo Quaresmo	Lima Barreto
Garibaldi Manoela: uma história de amor	Josué Guimarães
O banquete	Ubiratan Teixeira
Semeando manhãs	Sálvio Dino
Inventar o fogo	Pedro Tierra
Sousândrade: prosa	Frederick G. Willians; Jomar Moraes
Clamor de São Luís	Bacelar Viana
O jogo das serpentes	Alberico Carneiro Filho
O lado visível	Carlos Cunha
Regresso triunfal de Cruz e Sousa e Os segredos de seu bita dá-nó-em-pingo-d'água	Estevão Maya-Maya
Canto inicial: poesias	Ronaldo Giusti

Fonte: Autor

Nesses documentos de ciências sociais, incluiu-se assuntos de educação, meio ambiente, agricultura, direito e serviço sociais.

Quadro 7: Ciências sociais:

TÍTULO	AUTOR
Igreja, seguimentos populares e ação libertadora: uma relação perigosa	Admário Luiz de Almeida
II Plano municipal de políticas para as mulheres	Coordenadoria Municipal da Mulher de São Luís
Cadernos de crítica feminista	SOS corpo
Cartilha direitos da mulher: prevenção a violência e a HIV/AIDS	UNAIDS
Diálogos sobre violência doméstica e de gênero: construindo políticas públicas	Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres
Plano estadual de enfrentamento da violência contra crianças e adolescentes do Maranhão	Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente
Perfil socioeconômico da criança e do adolescente no Maranhão	Instituto de Pesquisa Econômicas e Sociais
A defesa de crianças e adolescentes vítimas de violência sexuais	Associação Nacional dos Centros de Defesa da Criança e do Adolescente
Tráfico de crianças	Ana Beatriz Magno
Catirina	Sociedade Maranhense de Direitos Humanos
Resoluções do conselho nacional dos direitos da criança e do adolescente	CONANDA
Antropogeografia	Raimundo Lopes
Ação afirmativa e universidade	João Feres Júnior; Jonas Zoninsein
Megaestudante Cidadão: cidadania e pesquisa	Tania Dias Queiroz
Agrotóxicos: mutações, câncer e reprodução	Cesar Koppe Grisolia
Ter ou ser?	Erich Fromm
Manual de treinamento em desenvolvimento social	DFID Brasil
Curar: o stress, a ansiedade e a depressão sem medicamento nem psicanálise	Dr. David Servan-Schreiber
Direito do meio ambiente e participação popular	Ministério do Meio Ambiente e da Amazônia Legal
Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável	Miguel Altieri
A ética do uso da água doce: um levantamento	Cadernos UNESCO Brasil
Grilagem: corrupção e violência em terras do Carajás	Victor Asselin
Bem te vi, Amazônia	Jurema Finamour
Preconceito Linguístico: o que é, como se faz	Marcos Bagno
Trabalho, educação e saúde	Fundação Oswaldo Cruz

Docentes universitários aposentados: ativos ou inativos	Ilma passos Alencastro Veiga et. al.
Censo étnico-racial da Universidade Federal Fluminense e da Universidade Federal de Mato Grosso	André Augusto P. Brandão et. al.
II Caderno de educação popular em saúde	Ministério da Saúde
Gêneses da Academia Maranhense de Ciências	Zafira da Silva Almeida (org.)
Cotonicultura nos cerrados nordestinos: produção, mercado e estruturação da cadeia produtiva	Maria de Fátima Vidal; Wendell Marcio Araújo Carneiro
Um levantamento dos fatores responsáveis pela violência policial	Paulo Rogério M. Menandro
Microscopia óptica como método de medida de radicais livres: análise celular “in vitro” – HBL	Dr. Efrain Olszewer
Testes para admissão em empresas em empresas e empregos públicos	Jean Gobet
Fitogeografia das plantas medicinais no Maranhão	Terezinha de Jesus Almeida
A questão ambiental: diferentes abordagens	Sandra Baptista da Cunha; Antonio José Teixeira Guerra
O mito, o ritual e o oral	Jack Goody
A revolução da esperança	Erich Fromm
Coletânea de artigos publicados na “Revista Maranhense, Artes, Ciências e Letras”	Antônio José Silva Oliveira et. al.
Sol da manhã: memória da Embrapa	J. Irineu Cabral
A pesquisa sobre sexualidade e direitos sexuais no Brasil (1990-2002): revisão crítica	Maria Tereza Citeli
A organização social dos Tupinambá	Florestan Fernandes
Vocabulário Tupi-guarani português	Silveira Bueno
Contextualização Amazônica	Claudia Eugenio da Silva (org.)
Estado multicultural e direitos humanos	Marcos Antônio B. Pacheco
O fim da ciência: uma discussão sobre os limites do conhecimento científico	John Horgan
Enigmas da cultura	Edgard de Assis Carvalho
Atlas da exclusão social do Brasil	Marcio Pochmann (org.)
Os ciganos: aspectos da organização de um grupo cigano em Campinas	M ^a Lourdes Sant’ana
O que é história cultural?	Peter Burke
Cidades imaginárias: o Brasil é menos urbanos do que se calcula	José Eli da Veiga
A educação como política pública	Janete M. Lins de Azevedo
Educação como prática da liberdade	Paulo Freire
A história da loucura: em busca da saúde mental	Valdir Adamor da Silva
Crime e psiquiatria: uma saída	Virgílio de Mattos

A ecologia humana das populações da Amazônia	Emilio F. Moran
Música popular brasileira	José Eduardo Homem de Mello
Caminhando pelo cerrado: plantas herbáceo-arbustivas	Rosana Farias et. al.
1º Ciclo de estudos básicos da Universidade Federal do Maranhão: contribuições para reflexão	Lêda Maria Chaves Tájra
Pragas e venenos: agrotóxicos no Brasil e no terceiro mundo	David Bull; David Hathaway
O violão: da marginalidade à academia	Sandra Mara Alfonso
Políticas públicas	Enrique Saraiva (org.)
Saúde e povos indígenas	Ricardo V. Santos (org.)
O medo a liberdade	Erich Fromm
Plantas doente pelo uso de agrotóxicos	Francis Chaboussou
Introdução à climatologia para os trópicos	J. O. Ayoade
Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade	Sem autoria
A terra era liberta	Regina Celi Miranda
Injustiça ambiental e saúde no Brasil: o mapa de conflitos	Marcelo Firpo Porto (org.)
Raça e Ciência I	Juan Comas et. al.
Biossegurança e transgenia	Senado Federal
Pareceres jurídicos: direitos dos povos e comunidades tradicionais	Deborah Duprat (org.)
Dossiê ABRASCO: um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde	Fernando Ferreira Carneiro
Direito de águas	Maria Luiza Machado
Estética	Kathrin H. Rosenfield
Conhecimento tradicional e biodiversidade: normas e propostas	Alfredo Wagner B. de Almeida (org.)
Diários índios: os urubus-kaapor	Darcy Ribeiro
Tráfico de pessoas e trabalho escravo	CNBB
Todo ano tem: as festas na estrutura social camponesa	Regina Prado
Quem somos?	Luca Cavalli-Sforza; Francesco Cvall-Sforza
Sociedade, medicina e genética	Ademar Freire-Maia
54 Anos de música popular brasileira	Pedro Caetano
Crime e costume na sociedade selvagem	Bronislaw Malinowski
Psicologia da gravidez	Maria Tereza P. Maldonado
Cerrado: ecologia e caracterização	Ludmilla Moura de Souza; Amábilio José Aires
Teoria pura do direito	Hans Kelsen
Ética e racionalidade moderna	Manfredo A. de Oliveira
Sentimento de reforma agrária, sentimento de república	Delsy Gonçalves de Paula (org.)
Jango um depoimento pessoal	João Pinheiro Neto
Justiça e educação	Carlos Estevão

Nascimento da antropologia cultural	Margarida Maria Moura
Cadernos de crítica feminista	Cadernos de crítica feminista
A presença da mulher no controle social das políticas de saúde	Rede feminista de saúde
Socioambientalismo e novos direitos	Juliana Santilli
Protocolo de Quioto	Senado Federal
Leituras indispensáveis	Aziz Ab'Sáber
Bacia do Parnaíba: aspectos fisiográficos	Rachel Caldas Lins
O espaço geográfico da baixada maranhense	Marcelino Silva Farias Filho (org.)
Corpo e alma da magistratura brasileira	Luiz Wernneck Vianna et. al.
Itinerários	Revista científica de turismo
Teologia da libertação	Gustavo Gutierrez
Censo socioeconômico e étnico dos estudantes de graduação da UFMG	Mauro Mendes Braga; Maria do Carmo de Lacerda
Brasil em questão: a universidade e o futuro do país	Timothy Mulholland (org.)
A era dos direitos	Norberto Bobbio
Linguagem médica popular no Brasil	Fernando São Paulo
As chapas e os bacuris	Mayron Régis Brito Borges
A Amazônia e a cobiça internacional	Arthur Cezar Ferreira Reis
Revista de Patologia Tropical	Revista de Patologia Tropical
Direitos humanos no Brasil 3: diagnósticos e perspectivas	Movimento Nacional dos Direitos Humanos et. al.
A campanha da produção	Maria de Lourdes Lauande
Letras de sempre	Alexandre Maia Lago
Desenvolvido para a morte	Ted Trainer
Mulher e política: lutas e conquistas	Caderno feminista de economia & política
A dominação masculina	Pierre Bourdieu
Buriti: coleta, pós-colheita, processamento e beneficiamento dos frutos de buriti	Afonso Rabelo; Felipe França
O monopólio da fala	Muniz Sodré
Multinacionais de trabalhadores no Brasil	Paulo Freire
Os deslocamentos como categoria de análise: o garimpo, lugar de passar; roça, onde se fica e o babaçu, nossa poupança	Cynthia Carvalho Martins
Encontro do Brasil com a política de igualdade racial	FIPIR
Parteiras caçaras: relatos e retratos sobre parto e nascimento em Cananeia, SP	Bianca Cruz Magdalena (org.)
Racismo ambiental	Selene Herculano (org.)
Guimarães Rosa: do feminino e suas histórias	Cleusa Rios P. Passos
CIEP: a utopia possível	Lia Faria
A mente e o câncer	Mariano Bizzarri
Cerrados: sua biodiversidade é uma bênção da natureza	EMBRAPA

Aprenda a nascer e a conviver com os índios	Moysés Paciornik
Festas e batuques do Brasil	Luciano Figueiredo (org.)
Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro	Roberto DaMatta
Toda a verdade	Roger Garaudy
Pequena história dos fanáticos do contestado	Gerson Brasil
Folclore	Cássia Frade
Pisa na fulô mas não maltrata o carcará: vida e obra do compositor João do Vale	Marcio Pashoal
Pensamento social no Brasil	Octavio Ianni
O sertão: subsídios para a história e a geografia do Brasil	Carlota Carvalho
Autogestão: o nascimento das ongs	Nanci Valdares de Carvalho
Defesa técnica: o olhar do adolescente sobre o acesso à justiça	Rede de Assessoria Jurídica Universitária
O sol, o genoma e a internet: ferramentas das revoluções científicas	Freeman Dyson
Colapso: como as sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso	Jared Diamond
A república	Platão
Políticas públicas	Enrique Saraiva (org.)
Movimento Estudantil: a UNE na existência ao golpe de 1964	José Luís Sanfelice
Cartografia da imigração: interculturalidade e políticas públicas	Denise Fagundes Jardim
Poluição e agricultura: fatos do nosso meio ambiente	Revista Agrônoma
Kalunga: o direito de existir	Aldo Asevedo Soares
Plano de utilização da reserva extrativista do Frechal	IBAMA
Mudança social no Nordeste	Rossini Corrêa
Semáforo do tempo	Wilson Martins
Sobre a evolução do conceito de campesinato	Eduardo Sevilla Guzmán; Manuel González de Molina
Julgados pela Terra: cadeia de apropriação e atores sociais em conflito na Ilha de Colares, Pará	Rosa Elizabeth Acevedo Marin
Estado multicultural e direitos humanos	Marcos Antônio B. Pacheco

Fonte: Autor

Analisando os dados apresentados, podemos perceber a existência de muitos documentos com as temáticas antirracistas, sendo sobre a história do povo negro ou literatura negra. Porém, o quantitativo de livros com temáticas históricas brasileiras também é relativamente grande. A Biblioteca Maria Firmina dos Reis, de acordo com seu acervo no geral apresenta documentos relevantes para a luta antirracista.

5 CONCLUSÃO

O breve contexto histórico apresentado neste trabalho resgata um pouco da memória do processo escravagista no Brasil e no Maranhão. O olhar euro centrado manifesta-se nesse período, retratando o negro africano de forma estereotipado, que até atualmente traz resquícios dessa escravização do povo indígena e africano no Brasil.

Esses povos afetados, foram expulsos de suas terras, nunca se submeteram aos colonizadores, desencadeando fugas, além de se revoltarem cada vez mais fomentando vários conflitos de resistência, como já citado. O choque cultural foi fator predominante para manipulá-lo e caracterizá-lo como animal.

Os locais de fugas foram ganhando cada vez mais pessoas, resistindo durante os anos, chamado de quilombos. O Maranhão é o segundo maior estado com a maior população quilombola, com mais de mil comunidades em seu território. Com esses dados, vimos a importância do estado para a população negra, que lutou e resistiu para preservar sua memória.

Com o fim da escravidão o que vemos são resquícios da cultura colonialista influenciando o povo preto. Os costumes africanos aqui no Brasil tiveram mudanças, seja na religião, seja nas manifestações folclóricas, de dança e música. Porém, o modo como o negro é visto não mudou, continuou sob a visão do preconceito racial, que determina o negro como ser inferior.

Essa narrativa perdura por anos, onde só é visto um lado dessa história. Em síntese, a investigação sobre o silenciamento da literatura negra revela a urgência de dismantelar barreiras históricas e sistêmicas que por muito tempo relegaram vozes e narrativas negras à margem. Este estudo ressalta a importância de reconhecer e confrontar as estruturas que contribuíram para a sub-representação e silenciamento, tanto no cenário literário quanto na sociedade em geral.

A literatura negra não é apenas uma expressão artística; é uma ferramenta poderosa para desafiar estereótipos, desconstruir preconceitos e promover a compreensão entre culturas. Ao compreendermos os mecanismos que historicamente silenciaram tais expressões literárias, estamos capacitando-nos a desfazer essas amarras e abrir espaço para uma narrativa mais inclusiva e representativa.

A partir dessa luta de resistência surgem os movimentos negros no Brasil. No Maranhão a representação se deu pelo Centro de Cultura Negra, no combate ao racismo, e preservação da memória do povo preto. São exemplos de instrumentos que auxiliam na luta antirracista, como o Bloco Afro Akomabu, Projeto Akô Êres, e o Projeto Vida de Negro. Outro instrumento de luta antirracista da instituição é a Biblioteca Maria Firmina dos Reis, lugar de memória e resistência.

Assim, fundamentado pelo problema de pesquisa apresentado, a partir do conhecimento da história do Centro de Cultura Negra com suas lutas antirracistas, como é constituído o acervo da Biblioteca Maria Firmina dos Reis? Este trabalho buscou analisar o seu acervo, concluindo-se que na maioria estão dispostos com temáticas históricas do povo negro e indígena, literatura negra e documentos diversos da história do Brasil, educação e literatura brasileira, pequeno no seu quantitativo, porém, com muito potencial.

É crucial destacar que a manutenção e expansão constante desse acervo demandam um comprometimento contínuo por parte da biblioteca, que deve se esforçar para incluir novas obras e perspectivas que reflitam as diversas experiências e narrativas relacionadas à questão racial. Dessa forma, a biblioteca se torna um agente ativo na desconstrução de estruturas discriminatórias e na construção de um ambiente onde a diversidade é celebrada.

Em conclusão, o estabelecimento de um acervo antirracista em uma biblioteca representa um passo significativo na promoção da equidade e diversidade no acesso ao conhecimento. A construção desse acervo não apenas amplia a representatividade nas obras disponíveis, mas também contribui para a desconstrução de estereótipos, preconceitos e discriminações presentes na sociedade.

Ao oferecer uma variedade de perspectivas e vozes que abordam temas relacionados à luta antirracista, a biblioteca se transforma em um espaço inclusivo e acolhedor para todos os públicos. A diversidade presente no acervo não apenas enriquece o repertório cultural dos usuários, mas também desafia padrões estabelecidos, promovendo a conscientização sobre a importância da igualdade racial.

Em última análise, o acervo antirracista de uma biblioteca não apenas preserva e dissemina conhecimento, mas também desempenha um papel vital na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Ao investir nesse tipo de iniciativa, a biblioteca se torna

um espaço de resistência, promovendo a igualdade racial e contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes e engajados na construção de um futuro verdadeiramente plural e igualitário.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amilcar Araujo. **História do movimento negro no Brasil**: Depoimentos ao CPDOC. Rio de Janeiro: Pallas, 2007. *E-book*.
- BORGES, E; MEDEIROS, C. A.; D'ADESKY, J. **Racismo, preconceito e intolerância**. São Paulo: Atual, 2009.
- BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm. Acesso em: 20 nov. 2022.
- BRASIL. **Lei nº 12.343, de 2 de dezembro de 2010**. Institui o Plano Nacional de Cultura - PNC, cria o Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais - SNIIC e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2010. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/documents/10907/963783/Lei+12.343++PNC.pdf/e9882c97-f62a40de-bc74-8dc694fe777a>. Acesso em: 20 nov. 2022.
- BRASIL. **Lei nº 3.353, de 13 de maio de 1888**. Declara extinta a escravidão no Brasil. Brasília, DF: Presidência da República, 1888. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM3353.htm. Acesso em: 20 nov. 2022.
- BRASIL. Senado Federal. **Fazendeiros tentaram impedir aprovação da Lei do Ventre Livre**. São Paulo: Senado Federal, 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/fazendeiros-tentaram-impedir-aprovacao-da-lei-do-ventre-livre>. Acesso em: 29 de outubro de 2022.
- CARDOSO, F. C. Memória, informação e identidade negra na Biblioteca Pública. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9, 2010, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: ANCIB, 2010, p. 1-10.
- CARDOSO, F. C. **O negro da biblioteca**. Curitiba: CRV, 2015.
- CASTRO, R. F. **O movimento negro e a biblioteca Maria Firmina dos Reis**: orientações, ações e proposições para a revitalização da Biblioteca do centro de Cultura Negra do Maranhão. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018.
- CENTRO DE CULTURA NEGRA DO MARANHÃO. **40 Anos de luta pela democracia racial**. São Luís: CCN-MA, 2019.
- COSTA, Y. M. Sociedade e Escravidão no Maranhão do século XIX. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, São Luís, v. 10, n. 20, p. 241-263, 2018.
- DUARTE, E. de A. Por um conceito de literatura afro-brasileira. **Terceira Margem**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 23, p. 11-138, 2010. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/10953/8012>. Acesso em: 15 abr. 2021.
- FERRETTI, S. **Contribuição Cultural do Negro da Sociedade Maranhense**. 2008. Trabalho apresentado em Mesa Redonda no Curso de Letras da UFMA.

FIABANI, Ademir. Os quilombos contemporâneos maranhenses e a luta pela terra. Estudos Históricos. Revista Digital Estudos Históricos, [s. l.]: n. 2, p. 1-19, 2009.

GÊNERO E NÚMERO. **0,65% da população é quilombola**. João Pessoa, 10 jul. 2023. Instagram: @generonumero. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CvM9Sy4LvDI/?img_index=1. Acesso em: 09 ago. 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

Gil, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, Elisângela. Afrocentricidade: discutindo as relações étnico-raciais na Biblioteca. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 738-752, ago. /nov., 2016. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/download/1216/pdf>. Acesso em: 28 nov. 2022.

GOMES, Elisângela. Discurso insubmissos na diáspora negra. *In: SILVA, Franciéle Carneiro da (org.). **Bibliotecári@s Negr@s: ação, pesquisa e atuação política***. Florianópolis: Associação Catarinense de Bibliotecários, 2018. p. 17-38.

GORCZEWSKI, Clovis; BELLOSO MARTÍN, Nuria. **A necessária revisão do conceito de cidadania: movimentos sociais e novos protagonistas na esfera pública democrática**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011.

HIGA, Carlos César. **Sabinada**. [S. l.]: Mundo Educação, c2023. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/sabinada.htm>. Acesso em: 19 de nov. de 2023.

IFLA-UNESCO. **Manifesto da Biblioteca Pública IFLA-UNESCO 2022**. São Paulo: FEBAB. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/6247>. Acesso em: 20 de nov. 2023.

JOÃO PESSOA (Município). Secretaria de Turismo. **Casa da Pólvora**. João Pessoa: 2020. Disponível em: <https://turismo.joaopessoa.pb.gov.br/o-que-fazer/pontos-turisticos/monumentos-historicos/casa-da-polvora/>. Acesso em: 21 de jun. de 2022.

LEITE, Carlos Roberto Saraiva da Costa. **A frente Negra Brasileira**. [S. l.]: Portal Geledés, 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/frente-negra-brasileira-2/>. Acesso em: 29 de out. de 2022.

MACHADO, Elisa Campos. Uma discussão acerca do conceito de biblioteca comunitária. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 7, n. 1, p. 80-94, jul. /dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1976/2097>. Acesso em: 20 de nov. de 2023.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração e interpretação de dados**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.

- MARTINS, Tereza Cristina Santos. **Racismo no mercado de trabalho**: limites à participação dos trabalhadores negros na constituição da “questão social” no Brasil. 2012. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/10708>. Acesso em: 25 de set. de 2023.
- MENESES, P. Etnocentrismo e Relativismo Cultural: algumas reflexões. **Revista Gestão & Políticas Públicas**, [São Paulo], v. 10, n. 1, 2020, p. 1-10, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rgpp/article/view/183491/170496>. Acesso em: 8 dez. 2023
- MENEZES, J. M. F. de. Abolição no Brasil: a construção da liberdade. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, v. 9, n. 36, p. 83-104, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639642>. Acesso em: 5 nov. 2022.
- MILANESI, Luís. **Ordenar para desordenar**: centros de cultura e Bibliotecas públicas. São Paulo: Editora brasiliense, 1986. p. 17.
- MINAYO, M. C. S. (org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- MORAES, Jomar. **Guia Histórico da Biblioteca Pública Benedito Leite**. São Luís: FUNC, 1973.
- MORENO, Jean Carlos. Didática da história e currículos para o ensino de história: relacionando passado, presente e futuro na discussão sobre o eurocentrismo. **Transversos**: Revista de História, Rio de Janeiro, n. 16, ago. 2019. Disponível em: DOI:10.12957/transversos.2019.44685.
- NUNES et. al. O centro de cultura negra do Maranhão no contexto das ações afirmativas. **Brazilian Journal of Development**. Curitiba, v. 7, n. 4, p. 33813-33823, 2021.
- OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **Metodologia científica**: um manual para a realização de pesquisas em Administração. Catalão: UFG, 2011. Manual.
- PINTO, Tales dos Santos. **Abolição e luta escrava por liberdade**. [S. l.]: Mundo Educação, c2023. Disponível: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/abolicao-luta-escrava-por-liberdade.htm>. Acesso em: 31 de jun. de 2023.
- PINTO-BAILEY Cristina Ferreira. **Na contramão**: A narrativa abolicionista de Maria Firmina dos Reis. Belo Horizonte: Literafro, 2021. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/29-critica-de-autores-feminios/316-na-contramao-a-narrativa-abolicionista-de-maria-firmina-dos-reis-critica>. Acesso em: 09 de set. de 2023.
- PIRES, Erik André de Nazaré. O Bibliotecário como agente transformador social: sua importância para o desenvolvimento da sociedade informacional através da disseminação da informação. *In*: ENCONTRO REGIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO, 15., 2012, Belém. **Anais** [...]. Belém: UFPA, 2012, p. 1-15. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/70395>. Acesso em: 28 nov. 2022.

SANTINELLO, Jamile. A identidade do indivíduo e sua construção nas relações sociais: pressupostos teóricos. **Revista de Estudos da Comunicação**, v. 12, n. 28, p. 153-159, maio/ago. 2011. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/estudosdecomunicacao/article/view/22367/21465>. Acesso em: 30 mar. 2018.

SANTOS, Josiel Machado. Ação Cultural em Bibliotecas Públicas: o bibliotecário como agente transformador. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 173-189, jun./dez. 2016.

SERRA, Astolfo. **A Balaiada**. São Luís: Instituto Géia, 2008.

SILVA, Andreia Sousa da. Possibilidades decoloniais para bibliotecas universitárias brasileiras. **Folha de Rosto**, Juazeiro do Norte v. 8, n. 1, p. 121-132, 2022.

SILVA, C. A. **A literatura maranhense como fonte no ensino de história e literatura afro-brasileira**: análise e propostas didáticas sobre “os tambores de São Luís” de Josué Montello. 2017. Dissertação (Mestrado em História, Ensino e Narrativa) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017.

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. Biblioteca, memória e identidade social. **Perspectiva em ciência da Informação**, [Belo Horizonte], v. 15, n. 3, p. 69, set./dez. 2010.

TRAPP, Rafael Petry; SILVA, Mozart L. da. Movimento negro no Brasil contemporâneo: estratégias identitárias e ação política. **Revista Jovem Pesquisador**, Santa Cruz do Sul, v. 1, p. 89-98, 2011.

YIN, K. Robert. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 5 ed. São Paulo: Bookman Editora, 2014.